

1\$50

NOVELLA PARA TODOS

S U M A R I O

A M E R I C O D U R Ã O
A ALUNA N.º 6

A R M A N D O F E R R E I R A
2 VELHAS E 1 GATO

F I D E L I N O D E F I G U E I R E D O
UMA VIAGEM Á PHOBOIANDIA

R A M O N G O M E Z D E L A - S E R N A
O CONDE BIANCAMANO

A R T U R O C A P D E V I L A
O MERCADOR DE ONDAS

P A N T E L E M O N R O M A N O F
CARTA, NUNCA ENVIADA

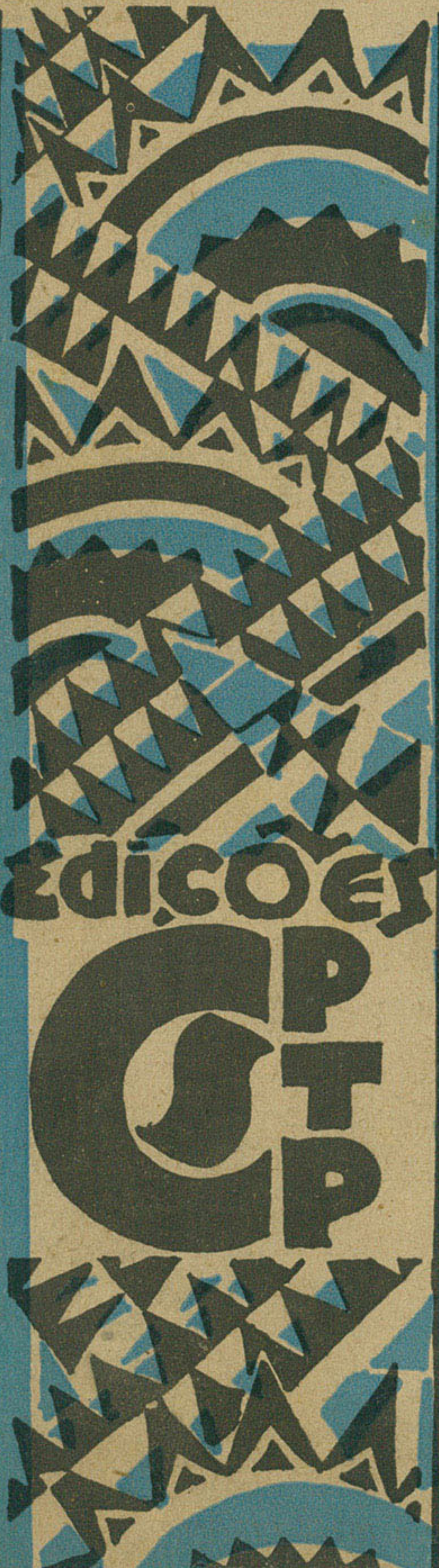
R . C A N S I N O S A S S E N S
O GRITO NA NOITE

C O N C H A E S P I N A
A VIDA BUCOLICA E O AMOR

I ANO

1 DE ABRIL DE 1929

N.º 1



NOVELA PARA TODOS

EDIÇÃO DA SOCIEDADE COMERCIAL PORTUGUESA DE PUBLICAÇÕES E TELEGRAFIA
LARGO DE S. DOMINGOS - 11 - LISBOA - TELEF. N. 5351

1 Ano

1 de Abril de 1929

N.º 1

◆ BONS DIAS! ◆

NOVELA PARA TODOS é uma despreziosa iniciativa. Não tem no seu programa mirabolantes promessas. Pretende apenas ser acessível a todos, para que todos possam ter os inefáveis momentos espirituais que a leitura de boas obras dá. E pretende, sobretudo, fomentar o gosto pelas letras entre aqueles que nem sempre podem lêr ou adquirir obras volumosas.

NOVELA PARA TODOS terá, possivelmente, a favorecê-la, a sua variedade, o seu ecletismo.

Todas as outras publicações novelescas que existiram em Portugal, apresentavam em cada número apenas um autor. A nossa, apresenta muitos. Por uma quantia insignificante, o leitor travará relações com os melhores contos dum legião de escritores. Nomes representativos. Num mesmo número, os novelistas nacionais e os estrangeiros. O humorístico e o sentimental. O cómico e o trágico. O conto que faz sorrir e o conto que faz meditar.

A vida actual é dinâmica, febril, impaciente. Não há tempo para lêr as obras longas, as classicas 350 páginas... E, contudo, há grande curiosidade. NOVELA PARA TODOS corresponde a esse ambiente. Foi gerada por essa atmosfera. Familiarizará os seus leitores com todas as tendências da literatura, com todos os grandes nomes das letras. E sem lhes roubar muito tempo. Literatura de sínteses, literatura da época em que vivemos.

Quem coleccionar NOVELA PARA TODOS não só terá um elemento de distracção, como obterá uma cultura literária, sem perder, para isso, longas horas diárias.

NOVELA PARA TODOS é a publicação ideal para ser lida nos comboios, nos electricos, em casa, enquanto se espera o jantar; na cama, enquanto não chega o sono.

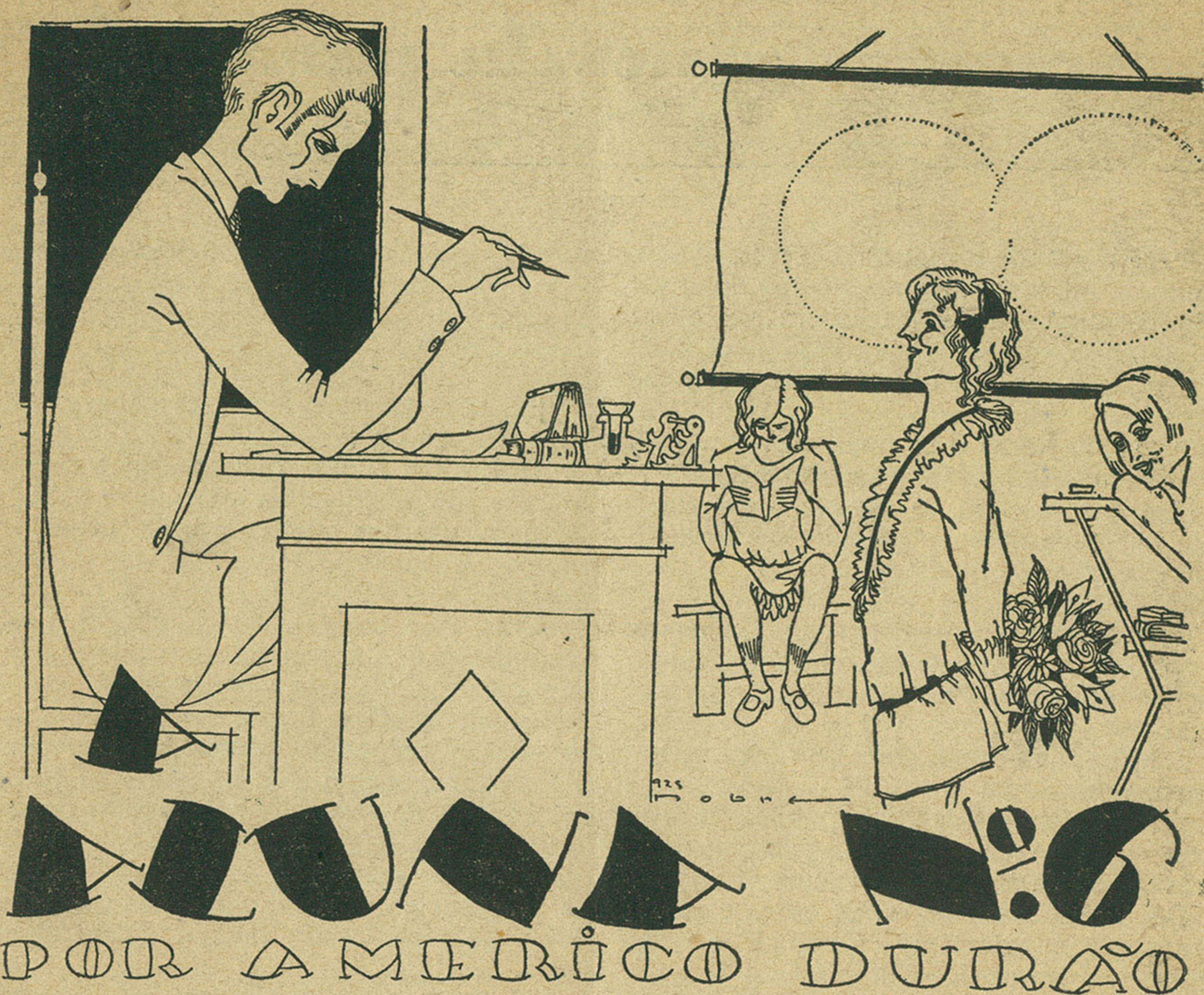
Em todos os países existem publicações deste genero. Porque não acreditar que Portugal também possa ter a sua — a sua novela para todos os portugueses?

ASSINATURAS

ANO 33\$00

SEMESTRE 17\$00

Assine NOVELA PARA TODOS. De seis em seis meses terá, encadernado numa elegante capa, um tomo onde se reúnem os maiores escritores de todo o mundo.



DESDE o primeiro dia da sua entrada para a Escola que os treze anos de Julieta se tinham feito notar dos professores...

Não era que fosse duma beleza ou duma intelligencia superior á das outras raparigas; algumas seriam talvez mais bonitas, outras mais inteligentes. Mas nos seus olhos negros e rasgados havia uma expressão de frescura e de malicia que a tornavam singular. Dir-se-ia que a sua alma precoce andava neles debruçada.

A propria D. Genoveva, a severa professora de matemática, em geral insensível á graça em flôr das crianças, se deixara conquistar. E' que nenhuma respirava aquella espontanea alegria de viver, de nenhum riso se evolava o perfume do seu riso primaveril.

Os vestidinhos claros e simples, a cabeleira encaracolada emoldurando-lhe o rostosito adorável caíam com uma naturalidade

tão rara nas crianças portuguezas, que não era possível vê-la sem lhe sentir a graça.

Até o fim do ano nenhum facto ocorreu que lhe permitisse destacar se das companheiras. Era uma aluna como as outras, nem melhor nem pior.

Terminada a faina escolar, tratou-se de organizar uma festa para a qual cada um devia contribuir dentro das possibilidades que Deus lhe concedera. Haveria uma exposição por onde se pudesse apreciar o aproveitamento dos alunos. O grande interesse desta exposição residia nos trabalhos manuais, principalmente num soberbo tapete que as alunas terminavam sob a direcção da professora de bordados e devia ser oferecido ao director.

Julieta, porém, nunca manifestara entusiasmo por essa obra,

novela para todas
EDICÕES **GP**



que era o grande orgulho da escola. A sua pouca assiduidade já mesmo lhe tinha valido censuras que ela recebera de olhos baixos, mas não sem que um imperceptível sorriso que desejava ser de contrição lhe pusesse na boca bem recortada um relampago de ironia e de quási desdém pela tão elogiada habilidade das colegas.

Mas esse sorriso, se alguém o viu, duvidou dos seus olhos, atribuindo-o a um equívoco, e decerto nem se atreveu a falar dele.

Julieta contava, porém, tirar uma desforra. A professora de musica estava ensaiando alguns numeros de dança para duas raparigas.

Ela fôra uma das escolhidas para esse numero sensacional e no dia da festa, a que assistia o Presidente da Republica, dançou com tanta graça e leveza, que o proprio Presidente sorriu e bateu palmas.

De todos os cantos da sala, e até da gente que se aglomerava á entrada, no corredor, vinham pedidos de bis.

Sem a mínima timidez, a garota repetiu o bailado, e contente, excitada pelos aplausos, parecia ainda mais esbelta, mais alada que da primeira vez.

A festa acabou. Seguiram-se as ferias. Alunos e professores deixaram de se ver durante alguns meses, para novamente em Outubro voltarem aos trabalhos.

Uma duzia de semanas é suficiente para que o aspecto duma rapariga na adolescencia se modifique duma maneira espantosa, e não houve quem se não surpreendesse com a mudança que em tão curto periodo se operara em Julieta. Agora já não era uma criança. Parecia ter mais de quinze anos e havia nos seus gestos, na sua voz, uma precocidade desconcertante.

Um dos professores, Alvaro Garcia, alto, atraente, menos de trinta anos, vestindo com

esmero, ao entrar na aula certa manhã, leu no quadro negro em grandes letras:

O Senhor Doutor Alvaro Garcia é o mais simpatico dos senhores professores.

Julieta conservava ainda na mão o giz com que acabara de escrever.

Todos os alunos disfarçavam o riso. O mestre, que mantivera a serenidade habitual, chamou um dos rapazes á lição, mandando limpar o quadro, como se nada tivesse visto.

Dois dias mais tarde, ao chegar á aula, achou sobre a secretária um ramo ingenuo de rosas. Quis saber, perguntou o que faziam ali aquelas flores, sem que ninguém soubesse responder, quando, ao cruzar o olhar casualmente com os olhos de Julieta, estes lhe disseram que tinha sido ela. Naquele olhar tão rapido houvera entre os dois um dialogo secreto; e Julieta, sentindo que a eloquencia dos seus olhos fôra compreendida pelo professor, ficou radiante de alegria.

Alvaro, por sua vez, franziu as sobrancelhas, ordenou ao continuo que levasse as flores para a aula de botanica, onde poderiam talvez ser uteis, e, contra o seu costume, conservou se serio e severo até anunciarem a hora da saída. Mas, intimamente, achava-lhe graça. Lisonjeava-o a homenagem daquele incenso, queimado em sua honra pelas mãos airoas duma adolescencia flagrante. Contra sua vontade, o seu olhar, a sua propria voz mudavam a expressão, ao dirigir se à aluna numero 6.

E Julieta era demasiado nervosa e sensível para que o não compreendesse...

Contudo, o II ano passou, como passára o I, sem que entre professor e aluna coisa alguma viesse alterar a atitude que os deveres do primeiro exigiam e que este se impusera.

No terceiro ano, que era o ultimo do curso, a audacia da rapariga que, não sendo propriamente bonita, dia a dia se tornava mais perturbadora, deixava-o por vezes vagamente embaraçado. Só difficilmente con-



seguia resistir-lhe. A' força de fazer o cego e o surdo, em certas horas chegava a achar-se ridiculo e a sentir-se ligeiramente vexado em frente da adolescente admiravel que se não cansava de o incensar com o gesto airoso de quem cobre de flores o chão do seu jardim, para que o amor entre e se demore um instante.

No fim de tudo nem sequer tinha a consciencia do dever cumprido, porque na verdade entre os dois estabelecera-se uma especie de cumplicidade que por ser silenciosa e secreta não existia menos.

Um dia, por qualquer motivo que não quis averiguar (porque Alvaro pensava justamente que no interesse da disciplina convem, ás vezes, não investigar a causa da agitação dos alunos)—a classe mostrava-se indocil ás suas observações, rindo e conversando em surdina. Entre o rumor confuso o riso e a voz de Julieta destacavam-se agora nitidamente.

Querendo mostrar que nas suas aulas não havia favoritismos, Alvaro disse grave, mas serenamente: — A menina Julieta vai fazer-me o favor de sair!

Como por encanto, o riso cessou e o silencio foi absoluto. Só Julieta, imovel, continuava a sorrir.

Então Alvaro, insistiu, com menos energia: — Numero 6, faça favor de sair!

O sorriso apagou-se nos labios de Julieta, mas os seus olhos tão belos e expressivos fitaram-se nos dêle, com uma firmeza que imediatamente lhe fez compreender que não seria obedecido.

Então, Alvaro, poisando os olhos no livro, a brincar com a lapiseira, tomou um ar de indulgencia voluntaria e generosa. Deixou cair estas palavras: Por esta vez pode deixar-se ficar.

E a lição continuou como nos outros dias.

Passaram anos. Alvaro Garcia tinha voltado duma importante missão de estudo no estrangeiro, poucos dias antes, e encontrava-se com alguns amigos numa pastelaria, á hora elegante do chá, quando a entrada duma formosa rapariga, luxuosamente vestida, fez parar as conversas e um momento suspendeu no ar as chavenas que se levavam aos labios.

Tambem ele a fixou atento e maravilhado; era, decerto, esta a mulher mais interessante que vira desde o seu regresso a Lisboa. Trazia os cilios alongados com *rimel*, os olhos admiravelmente pintados. A boca sensual, entreaberta, como uma flor de romã, deixava ver os dentes magnificos, de carnívoro. Dir-se-ia uma das duquesas de Espanha como a nossa imaginação as fantasia. A mulher cuja chegada tamanha sensação fizera veio sentar-se na mesa vizinha áquela onde Alvaro conversava com os amigos, e baixara-lhe timidamente a cabeça, com o sorriso vago e perverso, e o olhar infantil, quasi ingenuo, da pequenita que seis anos antes, ao entrar para a Es-

cola, se fizera notar dos professores e murmurou humildemente: Boa tarde, senhor professor.





Chegada

O que a inebriava era o azul inédito, sem qualquer mancha ou nuvem, numa pincelada igual e completa. Embora tudo mais, o campo, o rio, os costumes, os gritos alacres, atraísse a sua atenção, só o céu duma beleza clara que lhe inundava a alma, lhe dava uma nova alegria, uma suavidade calma, desconhecida. Seus olhos esverdeados a fixar-se no azul do céu transmitiam a todo o seu ser um calor novo, um bem estar original...

Procurava nas suas recordações — e aos 18 anos fácil era folhear o seu índice — a lembrança dum dia assim tão voluptuoso, tão aconchegado... Em Inglaterra, um dia de sol, era muito bom, mas não tinha como cenário as cores salientes que pela primeira vez acabava de ver; o resto, eram dias cinzentos, baços, em leves transições para as noites que passavam molemente durante meses inteiros. 10 anos de colegio, com a Miss Arabella e nem um só dia durante esse

longo tempo vira tanta claridade no firmamento!

Nem mesmo no dia em que

Dolly, Mary, Baby, Janny — as suas inseparáveis, — lhe deram a noticia que ela ia partir enfim, nem mesmo nesse dia tão claro, tão alegre para ela; deixara de se sentir banhada naquele cinzento triste e perpetuo que até agora julgava ser a côr unica do mundo...

A noticia da morte do pai que tanto a fizera chorar; o adeus áqueles parques verdes, viçosos, por onde corrêra, áquelas casas de tejôlo alinhadas, durante quilometros; toda a vaga de melancolia que desde a sua partida de Inglaterra dominara a curiosidade da sua primeira grande viagem, davam agora estranhamente lugar a uma grande ansiedade, um desejo intenso de vida, de affectos, de alegria.

E o seu coraçãocito virgem, a despertar, embriagado pelo azul do céu de Portugal, quanto mais se aproximava da aldeia para onde vinha viver, ia despertando a lembrança duma velha gravura inglesa, dum album de poesias que dormia havia anos na sala de visitas de Miss Arabella: um interior agasalhado e amorôso dum *cottage* deitando sobre um lago, no meio dum bosque povoado de sonhos, e que enquadrava uma suave canção: *Home, sweet, home!* ⁽¹⁾

(1) Lar, doce lar!



Ruth, 18 anos, ao chegar, trazia nos lábios a canção velhinha: *home, sweet home*.

Preparativos

Na vespera á noite, como em todos os sabados, tinham-se reunido na casa da D. Casimira, na R. Direita, mesmo a seguir ao forno do Jacinto, os habituais convivas do seu chásinho. E nesta reunião, havia uma maior curiosidade, não tendo faltado nenhum; o sr. dr. Juiz e a mulher, a D. Gabriela; o dr. Ricardo, do partido, e a esposa, a D. Mariana, com os dois filhos, o Antoninho, de 19, e a Mariasinha, de 18; o sr. Prior completava o numero dos visitantes. D. Casimira e D. Perpetua estavam levemente excitadas; ainda o mano Artur não tinha morrido, já aquela criança arranjada lá por terras estranhas as inquietava; e o que elas haviam previsto sucedêra. O mano Artur (que Deus guarde) tivera o bom senso de tirar a filha «áquela mulher» — uma mulher de teatro, ao que constava na aldeia — e puzera-a a educar num collegio; e depois, á hora da morte, deixara estabelecido que a pequena, com o seu rendimento e a sua educação perfeita, viria para o cuidado maternal e regrado das suas irmãs, Casimira e Perpetua.

— Não se apoquente, D. Perpetua — dizia o sr. Prior — as escolas inglesas são modelos de virtude. E depois, é bom que se lembre que a *mãe* nunca mais a viu; facilmente se acostumará aos bons carinhos que aqui a esperam.

— Ela gostará de gatos? — perguntava a si propria a tia Perpetua, a afagar o moleirão do *Pachá*, seu affecto de longos anos.

— Ela saberá jogar o loto? — pensava a D. Mariana.

— Ela precisará de mais um cobertor? Já lhe puz três de pápa muito quentinhos — dizia a tia Casimira, sentindo renascer nela o amôr maternal nunca experimentado.

— Ela trará vestidos pela moda de Londres? Preferiria que viesse de Paris — anotava Mariasinha, futura companheira de Ruth...

— Ela ha de saber fazer bem renda inglesa

— dizia a D. Gabriela — e eu tenho uma toalha do altar prometida ali ao sr. Prior.

— Ela será linda? — anseava o Antoninho.

Ela, ela, ela... Havia 3 meses que não se falava noutra pessoa naquela sossegada casa. O quarto que deitava para o patio interior, o antigo quarto do mano Artur, nos tempos em que naquela casa havia alegria e esperança, fôra caiado, esfregado, e ornado simplesmente, ao gosto das tias Casimira e Perpetua; era o que disfrutava de melhor vista, um lindo panorama, sobre a quinta, que um muro limitava a pouca distancia. A ordem, o asseio, o metodo haviam presidido ao arranjo do quarto, e até, numa inspiração comovedora, sobre a porta que dava para a casa grande, a tia Casimira colocara uma lustrosa oleogravura com o retrato da rainha Vitoria, no ano do seu casamento.

Apresentação

Ruth tinha 18 anos. Uns pés longos, ras-tejantes, solidos. Os olhos garços, o cabelo escorrido, cortado como um *boy*; um casacão felpudo, roxo e amarelo; duas musculosas pernas, o riso muito grande e despreocupado; os braços iam alem dos joelhos e as mãos grandes eram, contudo, brancas e virginais.

Quando caiu nos braços das tias, que nunca tinha visto, foi para disfarçar um ataque de riso pelas vestimentas de cerimonia com que elas lhe apareceram rigidas, protocolares, dignas de museu de figuras de cêra...

Vinha cheia de sol, e, não reparou logo nos soalhos de madeira, nem na crueza pura da cal das paredes, do velho casarão; arremessou o gorro, espalhou as malas:

— *I want a bath!*... (1)

E as duas irmãs ficaram atonitas. Ela só saberia aquela lingua de trapos, esquisita e mal soante?! Nunca se haviam lembrado daquela complicação. Como se haviam de entender? E Ruth, a rir, a rir, explicava, satis-

(1) Eu quero um banho.



feitíssima por não a entenderem: «*Ducha... ducha!!*»

A tia Cazimira facilmente percebeu... «*Quere lavar-se... Arranje-se uma cafeteira com agua quente, põe-se lá no quarto a banheira grande, redonda...*»

E enquanto se faziam os preparativos, Ruth, descobrindo a casa, abrindo as janelas (que a tia Perpetua ia fechando por causa das correntes), deparou com um retrato amarelecido numa moldura dourada...

A tia Casimira enxugou uma lagrima facil e explicou, apontando-a com o dedo muito espetado:

— *Pai... menina Ruth... Pai... Pai...*

Ruth teve um olhar triste; ela bem o conhecia; era um senhor bom, falando bem o inglês, que todos os meses a ia visitar ao colegio, lhe dava compotas e *cakes*, e a beijava nas faces carinhosamente. Percebeu e quiz tambem mostrar á tia Casimira que tinha um retrato do pai...

— *Yess... My father... I have also a photo... (1)*

— *Pois sim... pois sim—dizia a tia, embasbacada diante da mala de oleado que Ruth puxara para o meio da casa, e de joelho fincado, desafivelava, abria e remexia...*

— *Que será?*

Camisas, um *sweater*, uma raquete, escovas dos dentes, um *magazine* sem capa, uma alpercata, um cinto, lenços sujos, meias limpas, os cadernos da escola, um espelho, um pacote de cigarrilhas, um volume de Charles Dickens, uns oculos verdes, um vestido de seda verde, (horriavelmente verde), um frasco de geleia de laranja... ah!... o retrato...

Casimira percebeu então, e deu-lhe um beijo, alongado, molhado, ensopado...

Confidencias

15 días são passados. A tia Casimira confessava-se fora do confessorio ao sr. Prior.

— *E' um ven-*

daval, sr. Prior. Imagine vossa reverendissima que quere banho todos os dias! Que abala ás seis horas da manhã para os montes! e dorme — isto aqui só para nós, sr. Prior, e com seu perdão — tal qual a figurôna da mãe a colocou cá no mundo! A janela do quarto está sempre aberta, ofereceu cigarros á Mariasinha, e anda agora metida com o Antoninho, para ele dançar umas modas inglesas que vêm pelo ar para uma caixinha que poz na sala... Obras do demonio... Mas ela ri-se e continua sem perceber o que eu lhe digo...

— *Tudo ha-de passar, sr.^a D. Cazimira... A pequena não teve uma mãe a olhar por ela. Mas o fundo pareceu-me bom...*

— *Ah! Não sr. Prior; eu já não dou nada por ela! Pode ter bom fundo uma criatura que não pode passar ao pé do *Pachá*, quando o pobre bichano está a dormir sossegadinho, sem lhe puxar os bigodes?! O sr. Prior já reparou por onde ela traz os vestidos...?*

— *Oh! sr.^a D. Casimira, eu, bem vê, nesses assuntos sou muito miope...*

— *Assim vamos mal, sr. Prior; não temos sossêgo, nem horas, porque é tudo como o nome... a correr... Já reparou, sr. Prior: Ruth! Isto é lá nome de filha de Cristo!!!! Ruth... Ruth... Ruth!!*

Se os espiritos conservadores estavam alarmados, a mocidade de Ruth começava a sentir os primeiros prodromos da nostalgia.

A Dolly, sua companheira de colegio, escrevia qualquer coisa que se poderia traduzir e condensar assim:

«*O sol entrou dentro de mim, é verdade, mas não tenho luz em casa. A principio achei tudo um conto original, a iluminação antiga, a rusticidade do meu quarto nú... Mas tenho dentro de casa um cheiro a pão quente que me enfarta todas as noites... A minha familia, já to disse, são duas velhas e um gato. Parece-me que gosto das tias, mas não posso ver o gato. Passa a vida a dormir, percebes, dormir de dia e de noite, por cima de todos os moveis. Faço grandes progressos na lingua, de que já aprendi algumas palavras; por isso já tenho dois amigos; uma rapariga que me faz perguntas*

(1) *Sim... Meu pai. Eu tambem tenho um retrato.*



de vestidos esquisitos e um rapaz que me olha muito, suspira e não diz nada. Ando a montar um posto de T. S. F. para ver se desenferro as pernas, porque aqui não tenho um *court* de tennis nem um campo de *golf*. O unico *sport* da familia é à noite, em volta duma mesa com feijões e cartões numerados. E como vai teu irmão Douglas? Tem ido visitar-te?... Dize-lhe que tenho recordado os nossos passeios e que não me esqueço das lições de guiar o seu *torpedo* vermelho! Ah, se eu o tornarei a ver... se eu tornarei a ver *my dear old chum*» (1).

Escandalos

Passara Maio, passara Junho. No *chalet* ao fundo da vila, onde morava o dr. Ricardo, caíam sobre certa janela algumas pedritas soltas. Minutos depois uma cabeça desgrenhada e olheirenta assomou: era o Antoninho.

— *Came along Tomy...* (2) Vamos passear. Descobri uma coisa boa...

E Ruth, fresca, esguia, ponto de exclamação para todos que a viam, continuava a apedrejar o jovem portuguesinho...

Eram 7 da manhã; ele, ensonado e aborrecido, aperaltou-se e saiu... Esbaforia-se ao lado dela, de passos largos, certos, bem assentes no chão.

Na frente do Antoninho, além do suor, uma ruga patenteava a sua «tortura íntima». O Antoninho sofria, por certo aquele mal português, endêmico e assolador: o amor.

Ruth não parava; o seu bengalão ia pontuando a poeira amarela dos caminhos tortuosos. Parou junto a um silvado, radiante:

— Oh! *Blackberries*, morangas...

— Não, *no*, Ruthinha... São amóras.

Ela apanhou, correu, fartou-se. E continuaram a andar. Por fim apareceu a surpresa: era um lago, entre a folhagem bravia, perto da quinta do visconde... Ruth batia as palmas, e começou a despir-se.

— *Optima!* Vou nadar... Venha você também...

(1) Meu querido camaradão...

(2) Vamos embora, Tom.

E assim sucedeu.

O caso, ao que parece, foi considerado escandaloso quando se soube. Mas não evitou que o Antoninho lhe pegasse nas mãos, e dissesse:

— São uns amôres...

— *What?*... são também amóras!?

— Ruth, não brinque — Já deve ter percebido. *I love you*...

— Você *love me?* Oh! Porquê?... Não percebo porque você diz *issa*.

Antoninho desdobrou aquele rolar de palavras lusitanas bem conhecidas: «Desde que a vi... a sua formosura estonteante... Ao menos uma esperança. Viver sem esperança é pior que a morte, etc., etc.» e Ruth só exclamou:

— Muito complicada essa historia... Vamos a um *single?*

Outro escandalo, porém, rebentou, a turvar mais o lindo ceu azul de Portugal...

Uma manhã o correio trouxe uma carta de Inglaterra. Quem a recebeu foi a tia Perpetua, que a cheirou, mirou, remirou e passou á tia Casimira. Esta cheirou, mirou, remirou e, com muito custo, entregou-a a Ruth...

— Amigas da menina?

— *No, no*... não. Minha mama... *Mother*... — e foi a correr para o quarto.

— Oh! disse a mana Perpétua.

— Oh! ecoou a mana Cazimira...

Depois dum grande e pesado silencio, em que ambas se avermelharam de odio, e os rostos contraíram se em asco repulsivo por aquela «mulher de pernas á véla lá nos palcos das Inglaterras», a mana mais velha exclamou:

— Isto não pode continuar assim! Temos que livrar esta alminha da influencia do demonio! Se ainda fômos a tempo de a salvar e educar na boa lei de Deus!

Combate

Sabado. Um inverno quasi passado. O inverno algido, frio, soprando por todas as janelas meio carcomidas, resoan-

novela para todos
EDICÕES G.P.



do no forro do telhado velho. O serão ia em meio; andava qualquer coisa no ar, qualquer coisa que preocupava todos... Era ainda ela...

— Ela, afinal, não me deu novidade nenhuma para as minhas *toilettes* de inverno. E a forma dos sapatos é horrível! — pensava desiludida a Mariasinha.

— Ela, afinal, nem sabe jogar o loto! — desprezava a D. Mariana.

— Ela não fez ainda uma festa ao *Pachá!* — reflectia a tia Perpetua.

— Ela não sabe talvez pegar numa agulha! — desdenhava a D. Gabriela

— Ela vem ensurdecer-nos com aquela musica sem graça nenhuma! — pensava o dr. Ricardo, sentindo que já não lhe davam a costumada atenção e lançando um olhar vesgo ao posto de T. S. F.

E Ruth? Ruth procurava ser gentil; procurava agradar. Mas os choques davam-se; verdadeiros combates de sensibilidades diversas.

Por amabilidade para com a D. Gabriela, fizera o seu melhor doce e enviara-lho no dia dos anos. A' noite ouviu:

— Muito agradecida, menina; mas não queria que se incomodasse. De mais a mais nós não apreciamos as cascas das laranjas. O doce preferido lá em casa é o leite creme.

⊙ doce á inglesa era uma compota de laranja, ácida e adstringente a que Ruth achava o mais delicioso paladar!

— Por si até comia fel! — murmurou o Antoninho, pegando-lhe na mão e olhando-a como se partisse no dia seguinte a combater os mouros...

— Oh! *my dear!* Então não está melhor?

— O seu coração é de pedra, Ruth. Pois não vê que eu soffro...

— Tome muitos banhos. Isso passa... Ou experimente o *box*; dizem que «fazer» bem aos «paixãos».

Uma tarde appareceu a D. Mariana esbaforida; conferenciou

com as tias; «apanhei a Mariasinha a fumar, ás escondidas, na casa de banho... Isto são os bonitos exemplos da menina Ruth. Eu estou a criar a minha filha para senhora, não para dama duvidosa...»

Ruth foi chamada. Advertida. Verberada.

— *No... no...* Não faz como eu. Eu não me esconder...

— Isto é o cumulo... o cumulo! bradava a D. Mariana. Adeus, adeus... não sei quando aqui voltarei!

A D. Casimira chorava de aflicção e enquanto prometia rezar em triplicado pela salvação daquela alma, ameaçava...

— Se a alma do mano Artur pode ver os vexames a que nos sujeitou, ha-de estar satisfeita da sua obra... Mas agora, a menina tem que obedecer-nos. Somos aqui os seus parentes mais velhos... tem de ter compostura, tapar os joelhos... Eu tenho 58 anos e ninguem se pode gabar de mos ter visto!!!

— Oh! *shocking...* e Ruth abalou a rir, um riso nervoso, um riso triste, repenicado de gargalhadas falsas...

Chamamento

O que a inebriava era o azul inedito, sem qualquer mancha ou nuvem, numa pincelada igual e completa. Mas Ruth compreendera agora que aquele sol e aquele azul actuavam sobre as energias e só faziam gatos mansos dormindo perpetuamente, como o *Pachá*, ou jovens como o Antoninho, ardendo em inflamadas paixões subitas e anti-higienicas.

Ninguem a compreendia... Não compreendia ninguem. A natureza era desprezada por todos. Sentia-se só diante da imensidade azul. Só e infinitamente pequena. E então lembrou-se da quentura daquele cinzento perpetuo, brando, doce, sem contrastes, sem notas agudas, do ambiente em que vivera durante tantos anos... A folhagem muito verde, a relva — um tapete viçoso perpetuo, onde dormia horas, nessas férias bem gozadas, bem alegres, da vida inglesa... Nunca pensara em amor, mas sabia-lhe bem cami-



nhar leguas ao lado de Douglas, nos *links* de *golf*, que lhe retezava as pernas e os braços... Lembrava-se do chá... o chá que nunca mais bebera, porque não era só chá; era também a hora das confidencias, do *spleen*, do repouso bem ganho. Tudo a chamava... Nada, nada a prendia aqui, senão o encantamento do sol e o azul profundo eletrizante do céu...

Cada dia que passava encontrava mais complicações na vida, a vida que é a coisa mais simples de se perceber e que se resume em: *ser natural*. Aqui, encontrava tudo enigmático, enredado, estranho, resoadando a ôco.

Que seria feito de Janny? Aquela endiabrada que só estudava em cima das árvores e cuja paixão era o cinema, os *films* do *Far-west*, com uma heroína loura como ela, correndo escarranchada num potro endemoníado por prados sem fim...

Também ela quizera um cavalo, mas na aldeia não havia senão burros, moleirentos... e sonhadôres. O que mais imperava nos seus ouvidos era o *chiar* agudo dos carros pesados que passavam junto á casa e causavam um fundo arrepio na sua alma emigrada em terra estranha. Tinha saudades da neve... Ruth nunca mais vira neve. A néve é que lhe criara talvez a alma branca, naturalmente inocente e clara... Com a neve vinha o Natal, vinham todos os costumes e brincadeiras, que ao querer reproduzir na casa austera das tias haviam merecido a classificação de *sensaborias* impertinentes...

E um dia a noticia rebentou. Ruth ia partir; ia ter com sua mãe... A tia Casimira e a tia Perpetua juravam ao sr. Prior:

— Não pode dizer-se, e Deus é testemunha, que nós não fizéssemos tudo para a ter junto de nós. Demos-lhes bons conselhos, que fosse á missa, que não tivesse modos descompostos, que não andasse a apanhar sol na cabeça, que faz tanto, tanto mal! Mas nem a bem, nem a mal! Aquilo é do sangue. E' deixá-la ir. E' deixá-la ir!

Quem fica contente é o *Pachásinho*, que já pode dormir sossegado, sem medo dos puxões da Ruth! E o que se diz na aldeia? Que ela desprezou o Antoninho, um bom partido, que andava perdidinho por ela?!!»

Final da novela e principio da vida

Em Charing-Cross. Silencioso e veloz, chega um expresso. Rapido desaparecimento dos passageiros. O casacão roxo e amarelo de Ruth hesita á espera de alguém. Chega um outro casacão cinzento, felpudo, como um cão de água...

— Ruth?

— *Are you, mother...* (1)

Um beijo e um aperto de mão. Nunca se tinham visto. A actriz está um pouco sensibilizada, mas em poucos instantes se domina. E diz-lhe qualquer coisa em inglês, que quer dizer:

— Como estás bonita...

— E tu também, minha mãe...

Um taxi, uma morada...

Lá dentro:

— Portugal?

— Oh! muito sol! O céu azul!!!!

— Mas porque não ficaste?

— Não sei. Muito complicado o resto...

Depois, silencio. Através o quadrado da portinhola, Ruth vê modelado no cinzento habitual de que é feito todo o seu passado verduras-negras, massas cinzentas, tudo brando, suave ao olhar... Esvaem-se nesse encanto dum reconhecimento as ultimas impressões que traz; julga ver em todos os rostos o de *Douglas*, o seu camarada de passeios; e cada vez mais a apagar-se tudo que deixou lá longe, na terra estranha; tudo: duas velhas... e um gato.

F I M

(1) — És tu, mãe?

novela para todos
EDICÕES GP



uma viagem à Phobolandia

OS jornais noticiaram há pouco a morte de Bernhard Wilpert, apenas recordando que se celebrisara pelos seus inventos de guerra.

Efectivamente este grande químico e fisiologista applicara-se durante os trágicos anos da guerra a extrair da atmosfera muitos princípios químicos, dispensáveis ou nocivos à respiração, mas grandemente úteis para correctivos das terras, que nesses dias eram compelidas a uma fecundidade exaustiva. Foram, pois, «inventos de guerra» os seus, mas não dos que aperfeiçoaram a arte de matar, antes dos que, aproveitadamente, puseram ao serviço da conservação da vida muitos valores perdidos.

Porém, o que especialmente celebrizou Wilpert foi uma sua viagem à Phobolandia. Ele foi, durante uns meses, em grande estilo modernista: o homem que viu a Phobolandia.

Conheci-o a bordo do *Almanzora* em 19**., quando regressávamos à Europa, eu do Brasil, êle de Mylesas, a grande ilha maldita do Pacifico, que uma humorada erudita logo crismou em Phobolandia.

Notara um alemão altissimo, de cabeça rapada, rosto ossudo como tósca es-

cultura de madeira, mas uma impressionante expressão de energia e uma luz invulgar nos olhos encova-

dos. No *spardeck* eu observava especialmente este alemão esgrouviado e três presidentes de republica cessantes, passeadores solitarios, que vinham espairecer a melancolia das suas decepções do poder pela estropiada Europa. Via-os com a curiosidade artistica e desinteressada com que contemplava todos os dias o ocaso do sol e irmanava com os abandonados presidentes o alemão, que se me afigurava um grande desenganado.

Menos me atraíam três candidatos á presidencia, de eleição segura, que faziam uma viagem de intenção diplomatica e financeira. Os seus grupos de possiveis senadores, possiveis ministros e possiveis directores gerais tinham a compostura solene e confiada das grandes assembléas, em que se pactuam alianças e se mudam os destinos do mundo.

novela de
**fidelino de
figueiredo**

novela para todas
EDIÇÕES CP



Uma tarde, um chileno, muito penetrante, animo formado no neo-espiritualismo americano, que teve em Rodó um dos seus porta-estandartes, contou-me a historia da viagem famosa de Wilpert — que elle vira festejar na sua passagem por Santiago.

Depois da guerra, o sabio recobrou a autonomia do seu espirito, ao fazer-se a desmobilização geral da sciencia e pôde reatar dialectas experiencias de quimica biologica. Os seus estudos dirigiam-se principalmente á base fisica do temperamento e do caracter, não para consolidar ou refutar o cansado paralelismo psico-fisico, mas para extrair conclusões laboratoriais que opusesse á profecia decadentista do seu compatriota Spengler. Os seus artigos em *Prometheu* (*Revista de exposição e critica das audacias scientificas do seculo XX*), de Leipzig, fizeram sensação mundial.

Principiou por impugnar as idéas de Sergio Voronoff sobre a consecução da longevidade e melhoria do genero humano por meio do enxerto do tecido glandular do macaco, alegando que, seguramente, só se obteria uma revigorização sexual, mas com grave desequilibrio de toda a personalidade, e, provavelmente, se faria degenerar o homem em antropeide. Segundo a sua concepção, a arvore genealogica, proposta pelos transformistas, devia ser considerada ao revés: as especies simiescas é que eram descendencias degeneradas do homem.

Depois começou o seu trabalho construtivo, subordinado pela tese original: quem dominasse o quimismo cerebral e hepatico do homem teria encurtado um pouco a distancia que nos separa do enigma psicologico. Wilpert, o espirito profundamente religioso, era, assim, muito modesto nas suas afirmações. Quem alterasse esse quimismo, poderia alterar a base fisica do temperamento e influiria no rumo da alta vida psiquica, como jardineiro que, com adubos adequados sobre as raizes e pulverisações idoneas sobre as frondes, dirige e aperfeiçoa o porte duma arvore.

Como Wilpert não quis nunca praticar o viviseccionismo, não scandalizou a sensibilidade dos seus contemporaneos, mas tambem não demonstrou as suas teorias. Contudo, a sua influencia nas concepções biologicas foi profunda e chegou á literatura de ficção. Wells utilizou largamente as suas idéas. O *Homem invisivel* é a exemplificação novelada e ironizada dum artigo celebre sobre a irradiação luminosa e os limites da receptividade da retina. Ironizada não digo bem, porque o humor do escritor inglês só ampliou o grão de scepticismo risonho, que já estava pronto a germinar em todos os trabalhos de Wilpert. Trabalhando com toda a seriedade impecavel, o sabio teve o bom gosto de não tomar demasiado a serio as suas conclusões. Temia a logica e não queria ir ao fim de experiencias que poderiam fazer vitimas.

De facto, ele só saiu do recolhimento do seu laboratorio para fazer uma formidavel demonstração, que foi como um colossal quadro humoristico, especie de conto á Mark Twain.

O rei Zebú, de Mylesas, viajara pela Europa e formara se em Oxford e Leipzig. E' claro que o seu horizonte espiritual deixou de ser o da sua ilha perdida, mas como vale mais ser o primeiro em Mylesas que o segundo em Roma — já o dizia Julio Cesar — sempre voltou ao seu reino. Logo surgiram dificuldades com os seus subditos, que elle attribuia a estragos da regencia anterior, mas de facto eram só conflitos da sua mentalidade superior, e dos seus, com o ambiente semi-barbaro. Um pouco o caso recente do rei Amanulah do Afghanistan. Invocando as suas régias prerogativas, quis a golpes de decretos de despotismo iluminado levantar á sua altura o seu povo. A velha Europa, com as suas novas apologias do «regimen» dictatorial, não lhe dava exemplos diferentes da arte de governar ... Mas o conflito tornou-se agudo, o mal-estar vol-

novela para todos
EDIÇÕES GP



veu-se em tendencia revolucionaria, outro aspecto dos ensinamentos da crise europêa, veio a fome — e ninguem atendeu ás leis sabias do rei Zebú, que decretavam que todos os milesianos fossem bons e felizes.

Especialmente convocado, um conselho de anciãos propôs ao rei a supressão dos seus amigos e acolitos e discipulos, todos os que o tinham acompanhado pela Europa ou se haviam contagiado. Zebú, homem de boa leitura, lembrou-se daquele pofundo conto de Wells, *Na terra dos cegos*, em que os perturbadores eram os videntes, e sorriu contente ao acudir-lhe a recordação dos trabalhos de Wilpert, que em Leipzig lhe inspirara pela sciencia uma idolatria de recém-civilizado. E, deixando com tedio os anciãos e os seus pareceres, deliberou chamar o sabio para que applicasse ao seu reino as suas doutrinas de quimica biologica.

Grande foi o espanto de Wilpert ao ser encarregado de afinar todas as rudes almas de Mylesas pelo mesmo metronomo. Era necessario que todos vivessem pelo mesmo sistema e se nortegassem pelas mesmas idéas gerais. Gerais não — particulares, porque o mais bravo individualismo dividia os milesianos, que só se uniam em explosões gregorias para defender esse mesmo envenenado individualismo. Da igualdade absoluta viria a paz absoluta, esperava o rei.

E Wilpert pôs mãos á obra. Um rigoroso regime dietetico, um tratamento quimico das aguas da ilha e um curto periodo febril realizaram o «desideratum» do soberano: pôr aquela sociedade do avêso, mas em concordia, com unica visão etica, ainda que invertida. O acto corajoso de Zebú foi por alguém comparado ao de certos gastrónomos, que deitam açúcar nas ervilhas, para acabar de as fazer dôces. Eu creio que a metáfora é infeliz, porque o que Zebú fez foi o contrario: acabou de tornar uniformemente amargo o que o era em doces varios, o caracter milesiano.

Assim veio a mentira a reinar no seu Estado, em todas as suas formas, omissão, exagero, vaidade, calunnia, e foi tida como arma legitima de combate social. Aquele rabujento jeremias de Harward, que lamentou a decadencia da arte de mentir, teria de se desdizer, e redondamente, se visitasse o reino de Zebú. A agitação politica, longe de se amortecer, recrudesceu e perdeu todo o seu significado colectivo, foi um metodo de liquidação de pessoais contos correntes. Renasceu o espirito de elan, com seus totems, com toda a sectaria intolerancia, com os seus ostracismos intransigentes, como o da assembléa dos coelhos contra todos que não eram coelhos, segundo refere Aristoteles na sua *Politica*, (Liv. III, cap. IX). O patriotismo tornou-se uma hipocrita declamação: feria-se a Patria, todas as vezes que o interesse pessoal o exigia, mas estarrecia-se de emoção ante as glorias avitas. O culto da amizade obliterou-se, mas simulou-se, parodiou-se como expediente ocasional. A maior instabilidade acompanhava, por isso, os juizos sempre impregnados de calculoso oportunismo; saltava-se da admiração ao desprezo, da simpatia ao odio. Verdadeiramente os pobres milesianos perderam a dôce e superior capacidade de amar e admirar por muito tempo, cansaram-se depressa dos seus sentimentos como se deprime a atenção ante um longo *film*. Em boa logica, a inteligencia e a virtude eram tidas por indesejaveis sobrevivencias dos tempos ominosos, os anteriores á visita de Wilpert; e toda uma legislação as perseguia como paradigmas ofensivos para a miseria mental e moral, que afoitamente se entronizara. Ainda em bôa logica, no crime a piedade reservava-se ao criminoso, como audaciosa afirmação pessoal contra as injustiças sociais, um tanto á maneira de certa interpretação moderna do *Don Juan* como grande vingador dos homens... Porque a pobreza aumentou a proporções tragicas, o espirito de mendicidade subiu na cotação colectiva; tudo se pedia, dinheiro, lugares publicos, justiça, honra — parodias da justiça e da honra, claro.



Insensíveis á beleza, os milesianos desinteressaram-se da natureza, deixaram de adoçar os olhos nos campos da sua ilha verde e de ver o mar, que lhe marulha em torno; perderam todo o sentimento do infinito e do sublime; o perimetro da sua vida limitou-se a um localismo asfixiante que não excluía, contudo, uma especie de hipocrita superstição do estrangeiro, quando tomavam a curiosidade do exotico por confirmação admirativa daquelle vegetar microbiano. E' verdade que os viajantes curiosos não faltaram, principalmente americanos. Mas foi um francês o que mais flagrante impressão nos deu dessa harmonia ideologica de Mylesos René Boysleve na sua cronica, graciosa e amarga, *Yoyage de Candide avec Pangloss au vrai Eldorado*.

Não ha bem que sempre dure — diz o povo filosoficamente. Em breve, o rei Zebú se cansou de governar um povo inferior, que se debatia num reboço de vermes. E era verdadeiramente difficil o seu papel, porque se não sujeitara ao tratamento de Wilpert e mantinha intactos a sua culta intelligencia e o seu alto senso moral, e porque naquele vegetar já não brotavam homens capazes sequer para a maquina burocratica do seu pequeno Estado, embora o assalto dos pretendentes, híantes, batendo os dentes, fosse cada vez mais renhido. Como um capitão, que na hora do naufragio do seu navio se pusesse a salvo, o rei não quisera tragar a drogaria especifica de Wilpert que, alterando a quimica das secreções biliares, alterou o temperamento dos seus subditos, e anastomando bastantes dos vasos de irrigação cerebral e preencendo as depressões circunvolutivas haviam perturbado tão fundamente a sua intelligencia. E' possivel que o remorso vencesse agora as suas curiosidades scientificas e o seu egoismo de governante. O certo é que um dia Wilpert recebeu ordem para repôr as coisas no estado anterior. Ora esta hipotese é que o sabio não tinha previsto. E por mais que recorresse á especulação e aos seus formularios, não achou outra conclusão senão fiar do tem-

po a lenta recivilização daquelle povo. Ele sempre resistira á tentação da experiencia, sabendo que tão radicais metamorfoses biologicas não eram reversiveis. Teve de confessar ao rei a sua impotência.

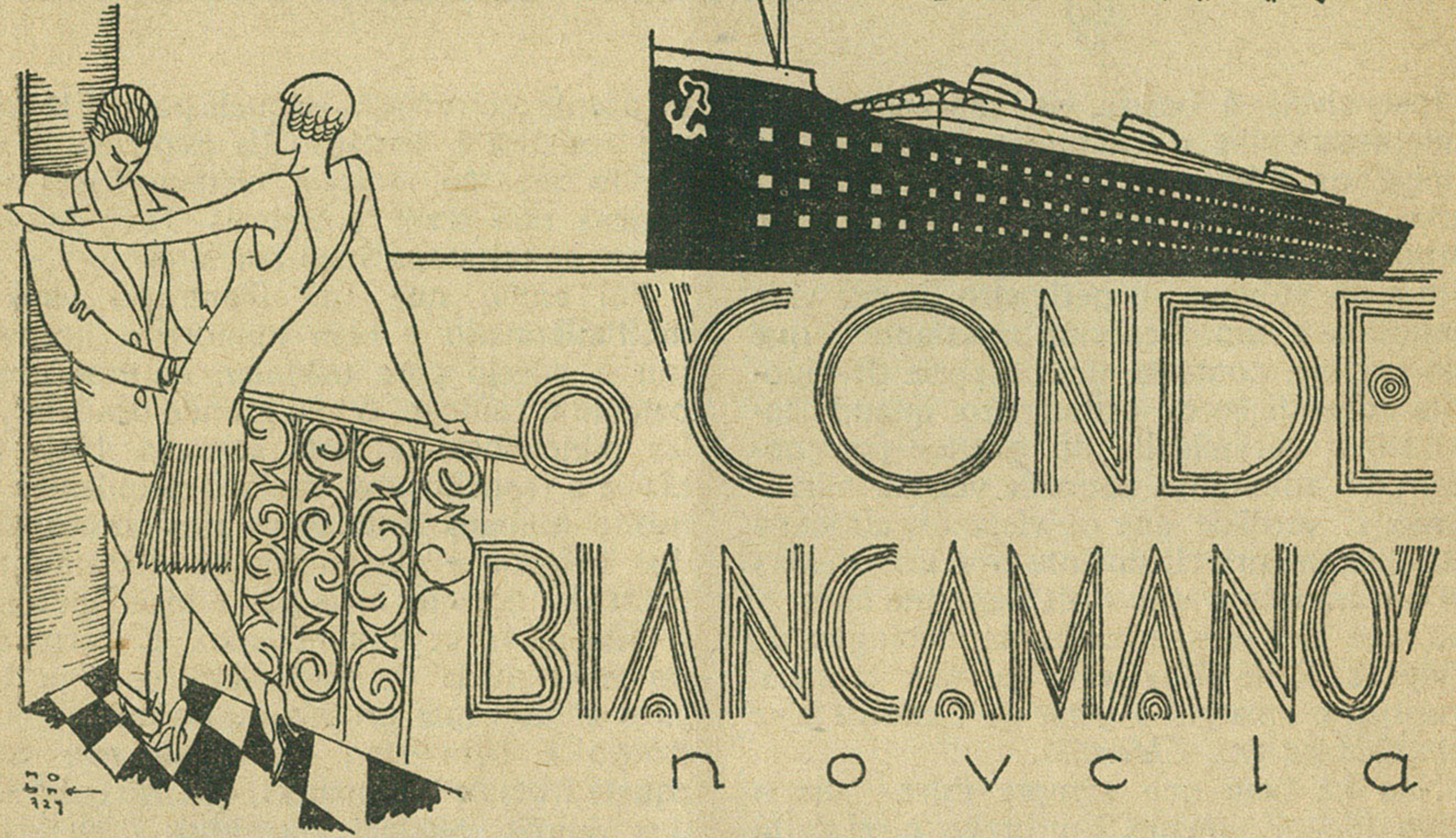
Foi então que um filantropo yankee, multimilionario e bem humorado, aproveitou o ensejo para ostentar, de modo bem patente e ruidoso, o seu grande desdem pelas pretensões de certa sciencia. Hoje sabia-se a respeito dos capitais problemas da mente humana tanto como nos aureos dias dos helenos e alexandrinos; deviamo-nos contentar com ter mais pão e mais liberdade — filosofava com simplismo. E carregando meia duzia de trasatlanticos com dolares e tudo que produz rapidamente abundancia e bem estar, fez-se ao mar com aquella frota de argonautas, que, ao contrario dos outros, corriam a restituir o velocino de ouro áquela Colchos envilecida.

Num só dia, a chégada daquelles tesouros realizou todo o trabalho de recivilização, que Wilpert fiava dos longos seculos. E os milesianos redescobriram e amaram o mar azul, voltaram a levantar os olhos ao céu, a sorrir com carinho e bondade, a sentir a beleza, a palpitar de altas aspirações, como se um ruflar de asas potentes levitasse a sua ilha. Quasi compreendi então por que encontrara no sabio a mesma impressão de melancolico e decepcionado abandono dos pobres presidentes cessantes, ao vê-los passear e cruzar-se longamente sobre o *spardeck* nos interminaveis dias de bordo. Ele abandonava o poder, o magico poder dos seus laboratorios; eles abandonavam todos a sua Phobolandia particular. Na verdade, os jornalistas perdem muitas vezes a ocasião de ser louvavelmente indiscretos.

O necrologio de Bernhard Wilpert foi ridiculamente sumario. E' assim coisa tão banal ter estado na Phobolandia? Porventura, o fracasso politico das suas doutrinas envolveu o seu fracasso scientifico?

novela para todos
EDICIONES CP

RAMON GOMEZ DE LA SERNA



Ramon Gomez de la Serna, cujo nome o publico português já conhece, é o escritor mais representativo do espirito moderno espanhol.

«Novela para todos», que o conta no numero dos seus colaboradores ilustres, publica hoje um originalissimo trabalho do grande humorista.

ANA era uma linda rapariga, agil e coleante, sempre vestida de branco, com atitudes de sentar-se no *hall* dum grande hotel, mesmo quando se sentava num rochedo da praia. As suas pernas, quando cruzadas, faziam angulos brancos duma implacavel elegância, e os seus braços compridos faziam gestos de languidez ou enervamento supremo em atitudes tambem cheias de requinte e elegância de não querer coisa alguma e de nada se importar.

Ana tinha por missão, naquela ilha, que nunca acabava de se saber se era uma nuvem ou um punhado de terra, de mos-

trar todas as grutas azuis e todas as perspectivas aos ingleses ou norte-americanos que iam recomendados pelos centros universitários á filial de extensão universitária que existia na ilhota.

O inglês falado por Ana era um harpejo italianizado que extasiava os ingleses e perdia todas essas dissonâncias enfadonhas e imperativas que o caracteriza. Muitos dos que ouviam as suas explicações perdiam a noção do que lhes era apresentado, e só prestavam atenção á voz de Ana.

Nos seus apontamentos era vulgar escreverem frases como estas: «As estalactites azuis, submetidas á voz da gentil interprete Ana, parecem finos tubos dum orgão subterraneo».

— E esta coluna, minha senhora?

— Esta coluna está aqui para sustentar o ceu...

Minutos depois, o inglês voltava a perguntar, como se não tivesse ouvido:

— E esta coluna?

— Esta coluna está aqui para sustentar o ceu...

No dia imediato, ainda havia um *touriste*

novela para todos
EDICÕES CP



que, para a ouvir repetir a linda frase, voltava a perguntar:

— E esta coluna?

— E' a mesma de ontem! — respondia então, irónica e maçada.

A beleza da ilha era completada pelas explicações de Ana, que possuía um sorriso especial para que resvalassem por ela as declarações dos namorados.

Ela estava comprometida com um jovem que a deixava acompanhar a ingleses e norte-americanos, porque, como bom italiano, sabia que há muitas maneiras de ganhar a vida sem desonra alguma. Até sentia orgulho naquelas explicações sobre a ilha, porque o homem é tão vaidoso que se julga simbolizado na sua terra, e que a ilha, ainda que tivesse um genérico nome feminino, era como um enorme ser varonil, e, por isso, lhe ficava a propósito a cabeça de Tiberio, como coroação monumental e fisionómica do promontório. A única coisa que o irritava era o facto de sua noiva entrar com os estrangeiros na gruta azul, porque parecia-lhe aquela gruta uma gigantesca alcova de noivado.

Ao terminar uma daquelas lições de geografia poética, os norte-americanos, agradecidos, ofereceram-lhe um banquete a bordo do *Conde de Biancamano*, que partiria de ali directamente a Nova York.

Perdida a noção das coisas com os discursos finais do banquete, quiseram declará-la doutora *honoris causa* e impuseram-lhe o barrete simbólico.

— Parece que estamos a andar — gritou ela, repentinamente, atirando ao chão o barrete, quando se apercebeu que o navio se movia sobre a serra do mar.

— E agora o que será da minha vida?! — ouvia-se-lhe lamentar entre lágrimas, debruçada no talabardão da cobertura.

Todos se acercaram para a consolar, e o capitão apareceu a saber o que acontecera, enquanto, entre dentes, ia dizendo:

— E' mais uma mãe que fica com uma filha a menos. A bordo dos transatlânticos,

mesmo as pessoas mais ponderadas não passam duns bebés...

— Quero voltar! Quero voltar! — gritava desesperada a rapariga, muito embora soubesse que tal coisa era impossível.

Os norte-americanos contaram ao comandante o ocorrido e prestaram-se de bom grado a pagar a Ana a passagem de ida e volta. Inexorável, o capitão disse a Ana:

— O que pode fazer é regressar neste mesmo barco, que só tem uma demora de quarenta e oito horas em Nova York.

— Mas como explicarei isto tudo ao meu noivo... Serão os senhores capazes de lhe telegrafar sem omitir um único detalhe?

— Sem dúvida! Agora mesmo, sem perda de um minuto! Pode ir já redigindo o radiograma para o seu noivo, porque vamos mandar chamar já o telegrafista.

*
* *

Para Ana, a travessia foi maçadora, interminável, até mesmo agoiarenta. No fundo da sua alma via a retrovisão dos acontecimentos. Se tivesse sido um outro barco qualquer...; mas este navio romântico, com um nome de conde de novela; o *Conde Biancamano*!... Parecia que se realizava um novo mito do rapto, em que o transatlântico raptava uma mulher.

Ao saber do ocorrido lá longe, na ilha, diriam: «Se foi no *Conde Biancamano*...» e nas bocas das comadres e vizinhas o caso passaria para assunto de má lingua.

Odiava aquêl *Conde Biancamano*, que não a largava, que a levava abraçada com todas as correntes e cabos do navio. Pela noite, sentia um desejo enorme de gritar: «Maldito *Biancamano*! Tartufo! Sequestrador de mulheres inocentes!»

Pegada à prôa, empurrava o barco para que chegasse depressa e pudesse voltar imediatamente. Suplicou a retirada verti-

novela para todos
EDICIONES CP



ginosa para que o regresso fosse menos de morado. Que esforço não teria feito à pôpa para conseguir que o barco fizesse marcha atrás.

Durante a noite via uma maquiavelica mascara na quilha do paquete, uma mascara de D. Juan moderno, sorrindo cínicamente da sua nova façanha. A sua voz entre os norte-americanos que se lhe iam tornando cúmplices do *Conde Biancamano* tomava um tom irado, onde havia lágrimas de desespero e terror. Todos os que viajavam no vapor ou faziam parte da tripulação pareciam-lhe vigiá-la, como se fossem sicários do maldito *Conde Biancamano*.

*
* *

Por fim, o seu olhar alvejou a bela ilha, que, como sempre, parecia nascer duma eterna alvorada.

O vapor, á aproximação de terra, foi, como de costume diminuindo na sua marcha. O *Conde Biancamano* parecia a Ana que se divertia no último momento da sua aventura, retorcendo vagarosamente os bigodes de espuma que repartia para cada lado da prôa. Finalmente, avistou-se o porto, e no cais lá estava êle, o desgraçado noivo, com uma côr macilenta de ter esperado de velada um largo mês. Todos os que a esperavam, embora dessem provas de satisfação por a voltarem a vêr, não conseguiam mascarar uma certa dissimulação traidora.

O noivo abraçou-a chorando, e ela também deixou correr as lágrimas em profusão. Todos pareciam desculpá-la e perdoá-la dum grave mistério, e, após as saudações, prometeram voltar a encontrarem-se na primeira oportunidade, nos lugares do costume.

Ficaram sós os noivos.
Ele não lhe insinuou

qualquer censura; mas ela descobria-a no seu silêncio.

— Se tivesse sido em qualquer outro vapor... o *Nautilia*, por exemplo;... até mesmo o *Neptuno*... Mas o *Conde Biancamano*!... — aventurou êle, ao fim de algum tempo, mas sciente do ridículo da sua insinuação.

— Parece impossivel que tu ainda te preocupês com essas ninharias—disse ela.

— Pois olha: todos o notaram com aquela maldade que os caracteriza.

— Mas se o próprio *Conde* me trouxe de onde me levou.

— Sim!... mas com uma aparência de quem se arrepende.

— Ainda por cima!...

— Não te zangues... Não vês que a vida é toda feita de tristeza e a cada passo tropeçamos em logros... Já que tu eras a mulher mais pura do mundo, o destino quis dar-me esta desagradavel *blague*.

— A única coisa que devemos lamentar é termos estado tanto tempo ausentes. Durante toda a viagem senti-me como prisioneira atada de pés e mãos.

— Até mesmo no amor em que nada há a perdoar, temos que começar perdoando.

— Não continuis a ser cruel para com o meu coração atormentado.

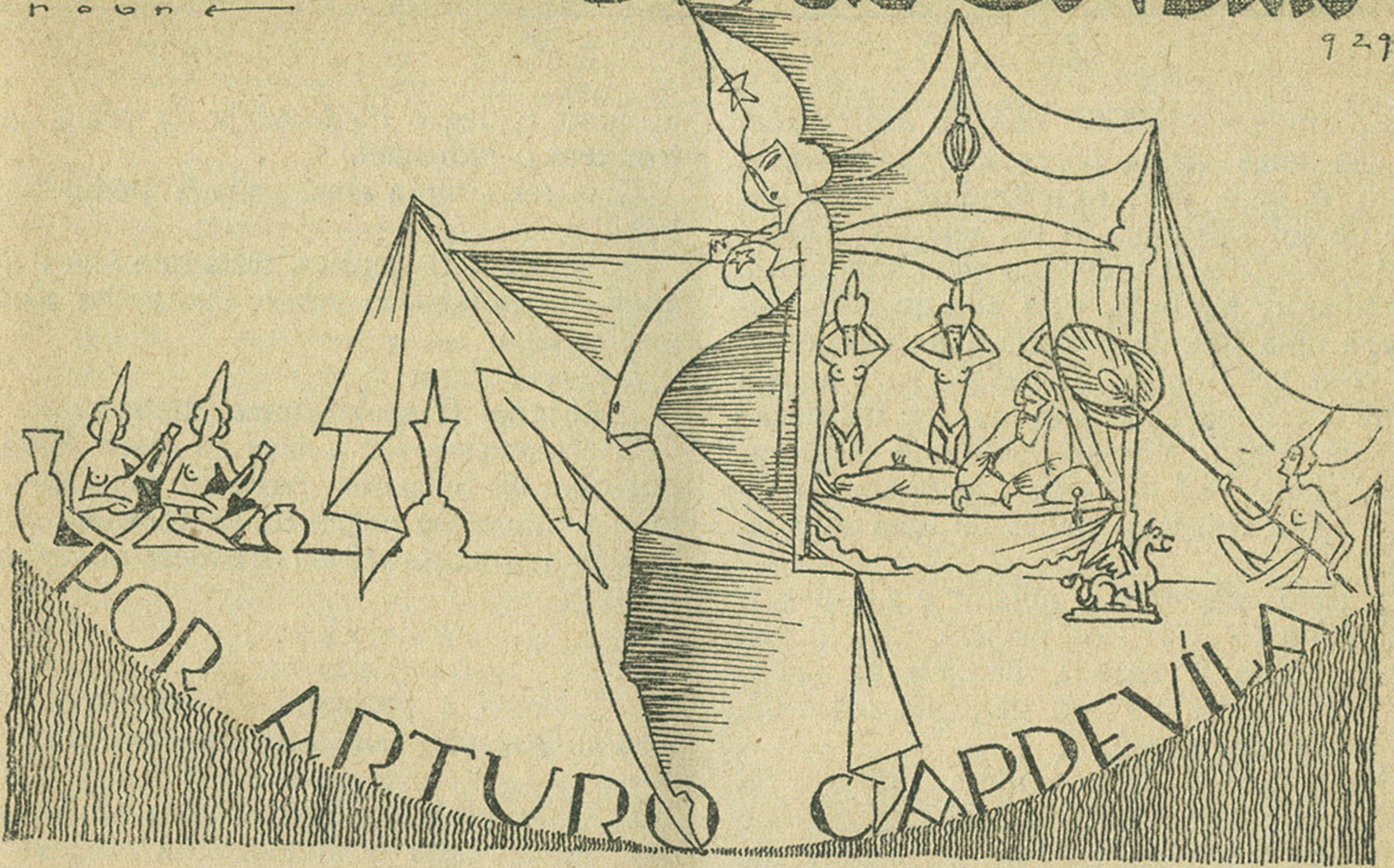
— Pois bem! Esqueçamos!... Mas repara bem que já há qualquer coisa a esquecer. E os dois, calados como se tivessem deitado areia de silêncio sobre as suas últimas palavras, dirigiram-se para um grupo de casas debruçadas sobre a penedia que caía a pique até o mar, muito agarradas á rocha,

para que não as levasse um vendaval, tementes do magnetismo das ondas marinhas que fazem sonhar viagens e mistérios distantes.



MERCADOR de ONDAS

929



Arturo Capdevila é um dos maiores escritores e poetas da Argentina contemporânea. Um dos mais representativos. Vastíssima cultura clássica. Sensibilidade estranha, subtil e delicada. A sua obra está plectórica do novo genio sul-americano.

Grande amigo de Portugal, que visitou ha anos, Arturo Capdevila dedicou-lhe parte do seu formoso livro «Tierras nobles».

Novela para todos honra-se por contactá-lo entre o número dos seus mais illustres e preciosos colaboradores.

AQUELE monarca — monarca sem nome de um país que nome não tinha; monarca de sonho num país de sonhos — despertara sobressaltado.

A escrava branca que velava o descanso régio, junto dos cortinados, abriu estes. A luz da manhã — mas uma luz cinzenta de um dia também cinzento — penetrou na angusta alcova, iluminando os largos bordados das colchas de púrpura, os soberbos desenhos do riquíssimo tapete, os singulares ornatos das preciosas tapeçarias. Mas

era uma luz cinzenta de um dia também cinzento.

Logo, a escrava negra que também velava, agachada aos pés do leito — leito de ouro maciço, firmado sobre quatro dragões também de ouro, em cujos olhos scintilavam pedras preciosas de inimitável lavrado — a escrava negra que velava, tendo por único vestido a sua propria formosura, pegou no leque de plumas escarlates e abanou suavemente o rei.

E a escrava amarela, e a escrava escarlate, e a escrava verde — completamente pintadas de amarelo, escarlate e verde, se é que não haviam nascido já assim — principiaram a tocar, uma alaúde, outra harpa, a terceira uma flauta sonora, ao mesmo tempo que a escrava azul, uma escrava tingida inteiramente de azul, até nas unhas e nos cabelos — tingida, se é que não nascera já assim — começou a cantar.

Imediatamente a escrava multicolor, a escrava pintada de todas as côres vivas, deslizou, como se voasse e, com gestos de

novela para todos
EDICÕES CP



abandono e ebriedade, dansou desnudada. E, nas suas varias côres, era exactamente como o arco iris; exactamente como um raio de sol desdobrado em sete maravilhas.

Mas o monarca, reclinado entre almofadas, semelhante, tambem, pela sua gordura plácida, a uma grande e macia almofada, olhava, com as pupilas dilatadas, para aquela scena deslumbrante sem que se deliciasse com tal beleza. Adivinhava-se que essas pupilas, ainda mal despertadas, seguiam no espaço as derradeiras visões de uma alucinação.

Quando cessaram a música e a dança, o mais robusto negro do palácio entrou, trazendo sobre a pesada bandeja de prata, numa preciosissima taça de agata e marfim, um selecto hidromel.

Como que afastando idéas ruins, o rei esfregava com as mãos trémulas os olhos e as fontes. A cabeça, enorme, pendia-lhe, pesada e redonda, sôbre o peito. O rosto enigmático transtornara-se-lhe numa expressão de terror.

Tinha sonhado. Sonhara como nunca, com as maiores extravagâncias que é possível sonhar. Para dizer a verdade, não se recordava com nitidez de nenhum aspecto do sonho; mas ficara-lhe, de quanto havia sonhado, um augurio de inevitável catastrophe.

Com a mão crispada agitou rudemente a campainha de prata que trazia ao pescoço. E, ao som dessa campainha, os sete porta-alfanges, que se haviam conservado rígidos diante do leito real, curvaram-se até o chão como noutras eras o heliolatra ao vêr surgir o sol.

E o rei disse a esses sete porta-alfanges, com a sua habitual, azeda voz.

— Chamai a conselho os ministros do trono. Que não falte um só.

Giraram nos calcanhares os sete porta-alfanges, que saíram, a cumprir as ordens do rei. Atrás deles deslizaram as dansarinas, até que só ficou, por fim, na presença

do amo, o negro da bandeja de prata, que trouxera o hidromel.

E o rei, com a alma agitada, pediu-lhe a bebida.

— Saude a ti, senhor, para que vivas mil anos—respondeu o servo, dando-lhe a magnifica taça.

E o rei tornou:

—Aí tens! E' assim que eu bebo hoje.

E arremessou-lhe a taça ao rosto. Então, por obra de feitiçaria—feitiçaria naturalmente— a figura do negro foi-se desvanecendo pouco a pouco, até desaparecer completamente.

II

— Chamai a conselho os ministros do trono. Que não falte um só—ordenara o rei.

E havia muitos ministros; sete ministros, que eram estes: o ministro da primavera, tambem chamado ministro das flores e dos passarinhos; o ministro do inverno, tambem denominado ministro dos gelos e das neves; o ministro do céu das noites, o ministro do vô das aves; o ministro das tempestades e o principe dos ministros, que era, tambem, o ministro dos sonhos.

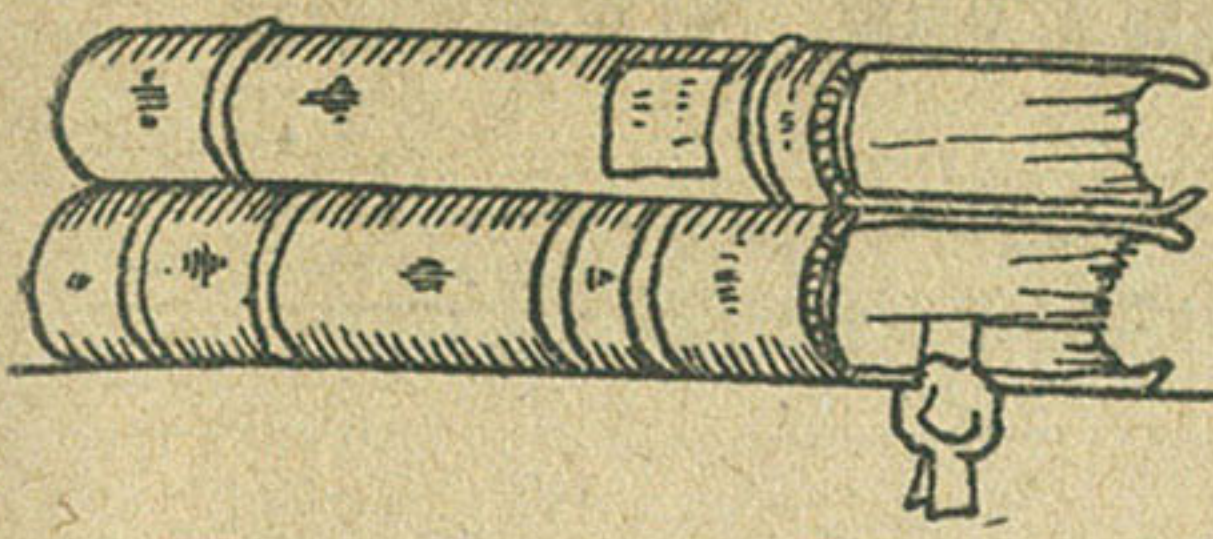
Como se compreende, cada um desempenhava as suas funções próprias, das quais as mais dificeis eram as do ministro do vô das aves, que prenunciava os augurios em vespersas de combate; as do ministro do céu das noites, que deitava o oráculo dos destinos; e as do ministro dos sonhos, que adivinhava os mistérios da divindade.

E, á hora marcada pelo soberano, estavam todos em pleno conselho, diante do trono, no grande salão das cerimónias.

Só me falta advertir que o ministro da primavera ou, melhor, das flores e dos passarinhos, era eu precisamente.

III

Terei ânimo para contar tudo quanto devo contar? Deverá um homem, que foi ministro, dizer tudo quanto sabe sôbre um rei que já



novela para todos



não existe? Por outras palavras: poderei, após outros acontecimentos graves em que me vi comprometido, elevar uma voz suficientemente autorizada? Pense cada um, a meu respeito, o que melhor lhe parecer. Eu vou falar — e tudo quanto eu disser representará a mais pura expressão da justiça e da verdade.

Tenho de declarar, desde já, que aquele rei era tirano e feiticeiro porque até a própria natureza lhe estava subordinada. Por ambas as circunstancias se experimentava horror na sua presença; era o mais abstracto dos horrores, aquele que provém do facto de não nos pertencermos....

Do nosso amo, podia-se dizer que era onnipotente; bastava recordá-lo para logo nos sentirmos na mais completa sujeição. Estava em todas as coisas: flutuava, na luz como na sombra, o império da sua iniquidade.

Mas a sua tirania, apesar de ser espantosa, podia-se chamar tranquila e, sem a menor dúvida, incruenta. Eu, pelo menos, não presenciei nunca um acto de violencia, nunca assisti a uma scena brutal. Nem mesmo me recordo de que existissem carceres naquela cidade. E contudo...

Devo insistir, ainda, neste pormenor paradoxal: o nosso rei não matava nem encarcerava, como ordinariamente fazem os melhores reis. Por sua causa não corriam sangue nem lágrimas. E, no entanto, era um tirano — visto que no seu reino ninguem dispunha de si próprio.

Eu já disse que a natureza lhe estava subordinada e, por isso, lhe chamei feiticeiro. Disse bem. Estou certo de que êle dominava os elementos. Caía neve, vinha a chuva, soprava o furacão segundo o seu desejo e o seu capricho. Mil vezes perguntei a mim mesmo:

— Para que tem êste rei um ministro dos gelos e das neves, se não o deixa proceder? Para que lhe serve o ministro das tempestades?... Ele era o senhor supremo das forças naturais... Mais, ainda; creio que era capaz de mudar o curso dos rios e até os

limites do oceano. Lembro-me ainda de vêr o mar encrespado, amarelado pelas batidas espumas serenar sob o seu conjuro. Todos os que presenciam isto, disseram de si para si, tristemente: — «Não pode haver assim, esperança de um dia nos libertarmos».

O meu próprio caso é significativo. Porque fui elevado a ministro, ministro das flores e dos passarinhos? Tinha eu ambicionado, porventura, sentar-me nas cadeiras de marfim do Conselho? Perguntou-me alguém: — «Queres ser ministro?» Acaso respondi — sim? Decerto comprehendem o meu caso, agora, até os mais incrédulos. Não me ofereceram coisa alguma; nada aceitei. Uma manhã acordei ministro das flores e dos passarinhos como poderia ter acordado cego. Não houve notificações, édito ou convite de espécie alguma. Posso afirmá-lo. Simplesmente, acordei sabendo que era ministro. Vesti-me á pressa e fui, como um sonâmbulo ou um autómató, postar-me ante o trono real.

Que outro nome, a não ser o de tirania, poderá dar-se a isto? Ou seria preciso, para nos considerarmos subjugados, que nos cortassem as mãos e as orelhas?... O modo por que eu fui feito ministro demonstra o estado de despotismo a que me refiro. Não há, nas minhas palavras, o mais leve exagero. Não esqueço, nem por um instante — podem acreditar-me — que me dirijo á História.

— Direi tambem — e mal haja quem duvidar — que a minha repulsa pelo despota foi ininterrupta; que o seu aspecto de boneco grosseiro, cabeçudo e horrendo, me fazia recuar.

Quando observava aquela horrivel cara, pensava logo: — «Isto não é cara; isto é o que se chama uma carantonha».

Apesar de tudo, houve quem afirmasse, em livros em má hora escritos, que eu cheguei a vangloriar-me de ser ministro do rei. E' mentira dos caluniadores. Oíçam bem isto os suspeitosos: eu nunca me envai-

novela para todos
EDICIONES CP



deci da minha situação politica, certamente excepcional, nem me considerei mais livre do que os outros, ou menos desprezível do que êles, como succede ás vezes com os ministros dos reis, que nisso iludem e são iludidos,

Tambem asseguro — enquanto haja documentos infames que pretendam comprometer-me no assunto — que nunca tive amores com a filha do tirano. Para não destruir o fio dramático desta narrativa, abstenho-me de expôr, já, o que se passou na minha alma. No decorrer deste relato se verificará como estou isento de culpa nesses acontecimentos que foram rematados por uma catastrophe; como foi correcto o meu procedimento; como não fui eu, nem por intenção nem por acção, quem ocasionou o desastre daquele reino.

Devo juntar uma observação á margem dos meus supostos amores com a princesa :

Conseguiu alguém, e como, saber a respeito dela, fosse o que fosse? Viram-na, alguma vez?

E quando a viram? E como a viram? Três perguntas bastam para desconcertar os meus inimigos: A quem se ha de dar crédito? A'queles que dizem que ela tinha os olhos azuis e o cabelo negro? Aos que afirmam que tinha os olhos verdes e o cabelo loiro? Ou aos que asseguram que tinha os olhos negros e o cabelo castanho?...

E, agora, de mim para mim:— Não oculto que, certo dia, andando eu pela Cidade dos Sonhos, vi correr a multidão por uma larga rua. — «Ali vai a princesa!» — exclamavam. E eu, então, corri tambem.

Chegámos ao palácio. Mas, ao chegar, nada mais consegui ver do que um clarão semelhante ao da lua, extinguindo-se já no alto da escadaria...

Vão justificar-se agora, com o que eu vou contar, esses historiadores da Cidade dos Sonhos, que me chamavam ingénuo.

Alegro-me por êles; não me incomoda o facto de poderem ter razão. A verdade é que, voltando ao assunto que me preocupa, profundando as minhas mais intimas recordações, não sei que deva pensar da mãozinha de lirio, que um instante, apenas um instante, me acariciou a fronte, numa manhã doirada. Abri os olhos mal desperto ainda, e nada vi. Ficara na alcova — não o nego — um perfume de lirio, no tapete uma mancha de luz, no espaço uma maciez de rosas. E as três principais graças da princesa eram, conforme cantou o poeta da côrte, em versos peregrinos, o perfume a luz e a maciez:

«E's um perfume de lirio; tens a maciez das rosas; desprende-se de ti uma suave caridade...»

Mas pode concluir-se disto que eu tive amores com a princesa?! E então porque me acusaram, e de quê?

IV

E' ainda conveniente esclarecer alguns pormenores acerca das artes mágicas e do negro despotismo do rei — «despotismo sem sangue nem violência, em que nunca se viu justicar um réu, segundo reza a conhecida frase do grande autor dos *Anais da Cidade dos Sonhos*.

Ninguém viu, nunca, justicar um réu. Mas de que especie de justiça se fala? Apresso-me a declarar que a cidade estava cheia de gente petrificada; existia uma praça onde uma numerosa multidão conservava, havia séculos, a mesma atitude; um eloquente demagogo, que me abstenho de nomear, lá ficara, imovel para sempre, na sua tribuna, gelada a palavra ferosa nos labios tambem gelados.

Também se contava, em segrêdo, que existiam palácios fechados desde longínquas eras e cujos moradores se tinham tornado em fria pedra. E não posso negar que, no bosque mais próximo, se via um estranho esquadrão, em que os ginetes e cavaleiros eram todos de mármore. Dizia-se — é certo — que sempre tinham sido de mármore e,



como confirmação, citava-se o nome do pre-histórico autor de tão estranhas esculturas. Mas poderia alguém acreditar essa lenda? Nós, que sabemos como e por quem a história é escrita, e muito principalmente a pre-história dos sonhos, não podemos dar grande crédito a essa afirmação. Demais, eu, no desempenho do meu especial ministério, observei, de perto, muitas vezes, o tal esquadrão e cheguei a conhecer a pavorosa verdade do caso pela extraordinária revelação que me fez o guarda mais antigo daqueles velhos bosques.

Por tudo isto os espíritos se nublavam com supersticiosos pressentimentos. Sabia-se que pairava por toda a parte uma ameaça. Interpretavam-se os sinais celestes, o vôo dos pássaros, as transformações das nuvens e nada de bom se augurava. Sabia-se que tudo estava perdido. Isto o ouvi eu dos lábios verídicos do meu colega, o ministro do céu das noites.

— E' certo — confiou-me êle ao terminar a nossa última conversação — que se avizinha o suprêmo castigo.

— Porquê? — interroguei.

— Porquê?! — replicou. — Todos sabem porquê!

E afastou-se, com ares misteriosos.

E' tempo, porém, de comparecer ao real conselho e de narrar, em sùmula, o que lá se passou.

V

Vestido de pùrpura, enovelado no assento do seu aureo trono, passeou o rei um olhar insolente como dominador e injusto sôbre os seus insignificantes ministros, sentados em semi-círculo. Ao centro dêste semi-círculo, presidindo-nos, estava, mui silencioso e receoso, o ministro dos sonhos. Lembro-me de que tinha à minha direita o ministro das tempestades. Parece-me estar vendo ainda, nas suas mãos felpudas, o raio doirado e ardente que sempre trazia consigo, como sinal do seu poder.

E o rei falou, quando lhe apareceu oportuno fazê-lo.

— Sonhei.

Imediatamente nos dispusemos todos a ouvir.

— Sonhei. E o meu sonho foi êste.

Como, até nêste mesmo instante, me sinto influenciado pelas questões delicadas que dimanam dos segrêdos de Estado, perdoar-se-me-há o não ser fértil em pormenores.

Confessarei, além disso, que pouco e mal compreendi as palavras do monarca. Apenas sei que êle, segundo contou, se tinha visto à beira-mar, rodeado por umas tristes sombras. Uns génios maus precipitaram-no nos abismos do oceano. Finalmente, uma voz enigmática lhe disséra: «A esperança está ao Norte». E um pássaro, que estivera escutando, havia dito: — «E' verdade. A esperança está ao Norte. Eia! Eu conheço o caminho».

Interpretando a visão, o ministro dos sonhos ergueu-se e pronunciou, em meio de um absoluto silencio, um discurso que ficou sendo memorável. Para dizer a verdade, eu esqueci-o quasi e só me recordo da parte final:

— A derradeira esperança — disse — consiste, conforme eu interpreto, em casar tua filha com o príncipe do Norte, filho único do monarca que, para lá de vastíssimos mares, reina, ditoso e pacífico, no País dos Homens Felizes. Se êste bom e venturoso príncipe se prestar à ambionada aliança, o teu reino estará salvo. Se a negar, estás completamente perdido; o teu poder formidável cessará rapidamente e deverás precaver-te, mais que de nenhum outro risco, dos perigos do mar. Animo, rei. Prepara quanto antes o melhor dos teus navios e envia ao rei do Norte uma suntuosa embaixada sob as ordens do teu mais brilhante ministro. E visto que houve no teu sonho um pássaro que declarou conhecer o caminho que conduz ao País dos Homens Felizes, deve ser teu embaixador, por dobrada razão, o ministro das flôres e dos passarinhos.

— Eu?! — ex-

novela para todos
EDIÇÕES CP



clamei, sem poder dissimular o meu repentino terror.

— Sim, tu, miserável — grunhiu o rei, fulminando-me com o olhar.

— Saúde a ti, para que vivas mil anos — repliquei.

VI

Como se sabe, a Cidade dos Sonhos não é porto de mar. Confina com uma região mediterranea e nebulosa a Cidade dos Sonhos, a sempre triste e sombria.

Está edificada na margem do famoso rio que tem o seu nome e a que tambem chamam o Rio Adormecido, o qual arrasta as espessas e negras aguas, desde tempos imemoriais, por sob as muralhas da cidade, num lento rodar de detritos.

Este rio, ao que se diz, não desemboca no mar navegável, mas sim no imenso Oceano Desconhecido onde, povoadas de miserandas sombras, parecem flutuar, ao sabor da corrente, as Ilhas da Morte. Não dou agora mais pormenores. Quem quiser saber mais sobre o assunto, consulte pacientemente a sua melhor geografia, repare se tem índice oceanográfico, estude quanto necessitar e ficará sabendo tanto como eu.

Tive, pois, para cumprir a minha missão, de trasladar-me á cidade maritima conhecida pelo nome de Embarcadero dos Impossiveis. Inutilmente se procurará, em todos os livros de viagens, noticias de outro porto superior a este. Que muralhas de ouro, que cúpulas de prata, que torres de diamantes, que telhados de esmeraldas! O céu é, ali, de um azul purissimo, percorrido pelas mais prodigiosas nuvens de todo o mundo. Na imensa baía, flutuam, entre as largas ondas, barcos de aspecto estranho, navios quiméricos, numa variada multidão de velas e mastros.

Pelas dunas vagueiam febrilmente os sonhadores, os sábios, os utopistas, os enamorados, impacientes por partir em di-

recções absurdas. Constantemente se vão fazendo ao largo amplas embarcações conduzindo viajantes que não voltarão nunca. Contam-se por milhares de milhar os navios que partem. Dos que voltam, há apenas alguns madeiros salvos do naufrágio.

Quando o meu arauto tocou o seu forte clarim de ouro, os barcos que enchiam a baía abriram caminho ao navio recamado de pedras preciosas, no qual eu embarcaria, rodeado por um luzido séquito, para o País dos Homens Felizes. Atracou. Subimos. Novamente soou o potente clarim e o navio fez-se ao largo entre música e aclamações.

Levei dias e dias de navegação a contar os presentes de que era portador. Tudo de uma riqueza incalculavel. «Nunca se vira tamanha opulência, nem mesmo nos navios do rei Salomão» — escreveu um assombrado historiador. E era verdade.

Ao anoitecer, quando se erguia dos mares uma lua de prata, instalava-me eu na ponte do barco e dali mergulhava, horas e horas, nos desconhecidos horizontes daquele oceano, o meu olhar melancólico.

Guiava-nos dia e noite um pássaro que era uma chama tremulando no espaço. E no seu canto dizia: «Eu sei o caminho da esperança».

VII

Compreendo que se tenha já perdido entre os povos a recordação do País dos Homens Felizes e até a sombra dessa recordação. Compreendo, tambem, que duvidem dos meus testemunhos aqueles que, tendo apenas em conta a minha aparente mocidade, ignoram quantos séculos soma a minha verdadeira velhice. E a si proprios perguntarão: — «Quem contaria a este homem os sucessos a que ele se refere»? E certamente não de concluir: — «São fantasias. O País dos Homens Felizes nunca existiu».

A questão não passará daqui, porque eu não responderei uma palavra.

Mas, prosseguindo a minha historia, devo contar que, depois de muitos e serenos dias de navegação, recebemos a primeira notícia



do País Ditoso pelos numerosos barcos de vela que se balanceavam em todas as direcções, sobre as aguas apraziveis. — «Barcos de pescadores» — exclamou alguém do meu séquito. Mas outro replicou que aquelas lindas embarcações não traziam aparelhos de pesca e mais pareciam barcos de recreio. A confirmar esta opinião, a brisa trazia até nós nesse momento, notas dispersas de uma deliciosa melodia. Soubemos mais tarde que no País Ditoso estavam proibidas, por sérias razões de moral e religião, a pesca e a caça, alimentando-se exclusivamente os seus habitantes de frutas e legumes dos campos.

No outro dia, á luz doirada do amanhecer, surgiu aos nossos olhos extáticos uma costa ridente, toda cultivada. Era uma extensão imensa de terrenos lavrados e alamedas; em meio de formosos jardins erguiam-se palácios e palacetes de uma grande simplicidade. Por toda a parte se viam, robustos e alegres, trabalhadores dos campos. Representavam a saúde, a fortuna, a força e a felicidade.

O pássaro que até então me havia guiado, cantou pela ultima vez e, voando em direcção ao sol, foi perder-se no seu halo esplendente.

Quando atracámos, aproximou-se um grupo de homens vigorosos que, muito amigavelmente, nos ajudaram a descer.

— E' este o País dos Homens Felizes? — preguntámos.

— Sí — responderam-nos — é este o País dos Homens Felizes, mais vulgarmente chamado o País Ditoso.

E, caminhando pelos campos, iamoz fazendo, a quem nos acompanhava, muitas e curiosas perguntas, até que eu, impaciente por dar principio á minha missão de embaixador, disse, com desalento:

— Deve ser, decerto, muito difícil obter audiência do vosso magnânimo rei...

— Estais enganado — respondeu immediatamente o lavrador que caminhava ao meu lado. — Não há nada mais fácil de obter do que uma audiência do rei. Olhai, êle aí está,

precisamente, a trabalhar com o arado. Que-reis falar-lhe agora mesmo?

E logo comparecemos, com efeito, em sua augusta e bondosa presença.

O rei, mal nos viu, deixou o trabalho e encaminhou-se, connosco para um pequeno bosque de loureiros e laranjeiras, onde o aguardavam os ministros. Ali, á sombra grata das árvores, disse-nos com voz clara e limpida:

— Sê bemvindo, viajante, ao País dos Homens Felizes, onde reina a felicidade, onde não existe o meu e o teu, onde não há doenças nem vícios, nem mendigos nem senhores; onde eu sou um verdadeiro pai e estes os meus filhos...

Dispunha-me a responder, quando o rei acrescentou:

— Não necessito contar ou explicar seja o que fôr, pois nós sabemos, de memória, quem te envia e a que vens. Sabe, viajante, que há longos meses te esperamos, prevenidos.

Inclinei-me profundamente para lhe significar o meu completo assentimento.

— Tu és — continuou o rei — um humilde servidor do déspota que governa a Cidade dos Sonhos. Tens o encargo de ministro das flores e dos passarinhos e vieste para oferecer a meu filho, o principe, a mão da princesa da tua sombria cidade.

— Assim é, senhor.

— Trazes nesse resplandecente navio que daqui se vê, presentes de valor incalculável, para comprar a minha aliança e a minha amizade...

— Toda a verdade dizeis, senhor.

— Pois bem, ministro e embaixador, tu conheces, porventura, a princesa cuja mão vens oferecer?... Tens a certeza de que ela existe?

Podes afirmar, em plena consciência, que a historia da princesa não é a maior, a mais habil bruxaria desse rei das trevas, que os domina a todos? Repara que não

novela para todos
EDICIONES CP



há duas opiniões idênticas acerca dessa formosura! Uns dizem que ela tem os olhos azuis e o cabelo negro; outros, que tem os olhos negros e cabelos castanhos; outros, ainda que tem os olhos verdes e a cabeleira loira... De seguro, nada se sabe! E tu, ministro, sabes alguma coisa? Viste-a ao menos uma vez, infeliz enamorado de uma sombra?

Eu sei que tu estás loucamente apaixonado por essa mulher impalpável e que há no teu coração uma grande tragédia—visto que, ao vir aqui, sacrificas o teu amor em benefício do teu rei e teu tirano...

— E' certo, magnânimo senhor—repliquei —é exacto tudo quanto dizes. O amor cravou todos os seus dardos no meu peito. Mas, ai de mim! Não sei se a princesa que idolatro é uma criatura real ou se é apenas o feitiço diabólico do mago que nos tiraniza.

Pálido como um morto, nem já sabia o que mais me perturbava: se o receio de ter atraído a confiança depositada em mim, se a mágoa de vêr descoberto e como que profanado o espantoso segredo da minha vida.

— Calma-te, viajante — disse o rei, paternalmente.— Meu filho, o príncipe, anda longe, lá pelas montanhas, e não saberá nunca do laço que lhe estenderam. Regressa, pois, hoje mesmo, á tua terra, levando contigo esses vãos e pueris presentes que para mim trazias. Mas, visto teres feito tão longa viagem e na hipótese de que teu amo tenha sentido uma sombra de arrependimento, levar-lhe-hás, em paga, um conselho que eu lhe quero dar. Dize da minha parte ao teu rei que um grande perigo o ameaça, vindo do mar longínquo. Um feiticeiro, conhecido no mundo dos pesadelos pelo nome de Mercador das Ondas, há de pretender vender-lhe, precisamente, ondas e tempestades.

Dize-lhe que se guarde bem de efectuar tal compra: que, se a fizer, está perdido.

E' tudo quanto posso fazer em favor de tão ruim personagem! E que os deuses, viajantes te dêem bom vento para o teu regresso.

Inclinei-me, submisso, pronto a partir. Mas o rei deteve-me, com um gesto benévolo.

— Ouve ainda — disse —: pareces-me um homem de bem, apesar de seres demasiadamente simples. Fica sabendo que, se algum dia houveres de emigrar ou te desterrarem da Cidade dos Sonhos, virás encontrar neste país, quando quizeres, trabalho e dignidade. Não serás ministro, mas serás homem. E talvez encontres, também — que te anime esta esperança — um amor verdadeiro.

E caía o crepúsculo quando, de regresso, nos entregámos, melancolicamente, ás águas e ao vento do mar.

VIII

Visto estas páginas que eu confio á publicidade não serem notas de viagem, mas memórias de um ministro, não há necessidade alguma de pormenorizar as circumstancias da travessia, nem os acontecimentos da chegada nem mesmo o que se passou no trajecto entre o Embarcadero dos Impossiveis e a Capital dos Sonhos que, como já disse e repito, é uma cidade mediterranea.

Basta saber que flutuava na atmosfera cinzenta um misterioso silêncio quando eu, recémchegado ás muralhas da cidade, me decidi a bater com a rija aldrava na primeira das suas quatro grandes e tristes portas de ébano e oiro. As sentinelas deram-me entrada franca e logo soube que, áquela hora, celebrava o rei um conselho de ministros. Ainda me vejo nesse dia, envolvido no meu manto multicolor e com a fronte cingida por um diadema de flores silvestres, encaminhar-me, cheio de angústia para o palácio, Desanimadissimo com o mau exito da minha embaixada, andava com dificuldade e desalento. Dir-se-ia — estranhas coisas as dos sonhos! — que a aflicção me travava as pernas tanto mais quanto era maior a ânsia, a urgencia de chegar. Por fim, atravessando praças desertas,



ruas plúmbeas, abandonadas, encontrei-me diante do altíssimo palácio real. O arauto tocou o clarim anunciando a minha presença e encontrei-me, momentos depois, na nobre sala das cerimónias. Nesse instante, o secretário geral da côrte e cronista-mór, simultaneamente, dos celebres e conhecidos *Anais da Cidade dos Sonhos*, lia a ultima parte da obra, para sua aprovação.

Ao dar por mim, o secretário e cronista interrompeu a leitura; mas contra o que eu esperava, ninguém, ali, me demonstrou a menor cordialidade. Apesar de me ter prostrado diante do rei e de a todos ter cumprimentado e augurado felicidades em palavras calorosas, ninguém descerrou os lábios para me dizer:

— Sê bemvindo.

Houve ainda a notar que o monarca me fitou com um olhar tão desprezivo e insultante que me senti desfalecer de vergonha e confusão. E quando eu, vacilando, me sentava na minha poltrona de ministro, disse-me, friamente:

— Talvez seja esta a última vez que te sentas nêsse lugar do Conselho. Talvez amanhã, petrificado, vás aumentar a multidão de condenados mármore — a não ser que eu prefira reduzir-te a fumo que se desvaneça nos ares...

Enquanto eu empalidecia como se fôsse morrer, o monarca acrescentou:

— Durante toda a tua viagem, houve aqui, constantemente, nas nuvens do céu e no vôo das aves, secretos indícios de que tu atraçoavas, no reino estrangeiro, a minha augusta confiança. Parece que tu, miserável, te atreveste a apaixonar-te por minha filha e que, para te vingares do seu justíssimo desdem, vendeste cobardemente, nessa terra do Norte, a felicidade dêste país. Não é provável — concluiu o déspota — que sejam mentirosos êsses fartos testemunhos da tua felonía e da tua vileza.

— Senhor! — exclamei.

Mas o rei sentenciou:

— Basta. Vai continuar a leitura dos *Anais*

da Cidade. Falarás, depois, do que tenhas que falar.

E ouvi, entre angustiosos sobressaltos, as seguintes e terríveis palavras:

«Então, o nosso magnânimo rei consentiu em celebrar uma festa excepcional como nunca se vira outra no País dos Sonhos.

«E dansavam as bailadeiras ao som de músicas deliciosas, quando anunciaram a S. M., nosso benevolentíssimo rei e senhor, o Mercador de Ondas, de quem se espalhava há muito a gloriosa reputação; razão pela qual o nosso rei e senhor tinha grande ansiedade de conhecê-lo e admirá-lo.

«De modo que, ao ouvir tal notícia, o rei não pôde conter o júbilo, dizendo: — «Uma tão oportuna presença vem coroar a alegria da festa». E ordenou que entrasse quanto antes no salão das festas, o assombroso mercador.

«Entraram, então, uns homens vestidos com extremado luxo, trazendo aos ombros uma grande padiola cheia de enormes ampôlas de cristal. A seguir vinha, resplandecente de riqueza, o Mercador de Ondas.

«E prostrando-se diante do rei, o mercador falou assim: — «Glorioso senhor, eu sou mercador de ondas. Trago prisioneira, em cada uma destas ampôlas e servindo-me da minha arte inimitável, uma onda do mar. Vê esta: é verde, como são as vagas dos golfos; quási não faz espuma e sussurra dôcemente. Vê esta outra: está colorida de rosiclér e tem a serenidade da água dos lagos, tal como as ondas da madrugada nos mares tropicais. Vê mais esta: tem um azul profundo de mar alto e mostra uma espuma que é como jasmíns ou lírios. Vê ainda: esta, semelhante às opalas, é puríssima e banhada na luz da lua. E esta outra, finalmente, é côr de cinza e de estanho, côr das tormentas; eleva-se e afunda-se; salta e despedaça-se; tinje-a lívidamente o relampago e pulveriza-a o furacão.

Os habitantes da Cidade dos Sonhos não verão nunca, ó rei, pro-

novela para todos
EDIÇÕES CP



dígio maior do que o destas ondas cativas. Compra-mas, rei, para maravilha dos teus olhos.

«E o rei, entusiasmado até o cúmulo, disse:

«Sim, mercador, eu compro te estas ondas, para maravilha dos meus olhos.

«E o mercador recebeu a sua paga, que foi grande, e tendo-a recebido, foi-se embora.»

Não pude ouvir mais.

— Senhor, senhor! — clamei, no auge do desespero — o teu reino está perdido.

Todos se ergueram — e também o rei, que cambaleava.

— Senhor, tu estás perdido! — prossegui, em altos clamôres. — O monarca do País dos Homens Felizes, apesar de ter repellido a tua aliança e os teus presentes, quis demonstrar-te a sua amizade por meio desta mensagem que, por tua desgraça, te trago muito tarde já: «— Dize a teu amo que o ameaça um grande perigo vindo dos longínquos mares. Um feiticeiro, conhecido no mundo dos pesadêlos pelo nome de Mercador de Ondas, há de, precisamente, pretender vender-lhe ondas e tempestades. Dize-lhe que não as compre, porque se as comprar está perdido...» Ah, salva te, rei! E salvemos todos, custe o que custar, tua filha, a princesa. Imploro-to, em nome de um amor sem esperança!

O rei, enquanto me ouvia, fazia gestos em que se reflectiam o espanto e o furor. — Ah, traidor — exclamou, por fim — avançando, formidável, para o meu lado.

Eu fiquei imóvel, gelado.

Nêsse momento subiu, da rua, um clamor da multidão.

— Que é?! — grunhiu o tirano.

O ministro das tempestades assomou à janela e voltou, pálido de terror, dizendo:

— Desgraça, desgraça! O mar está a invadir a cidade!

E por todos os lados se erguia o mesmo brado de pavor:

— O mar está a invadir a Cidade dos Sonhos!

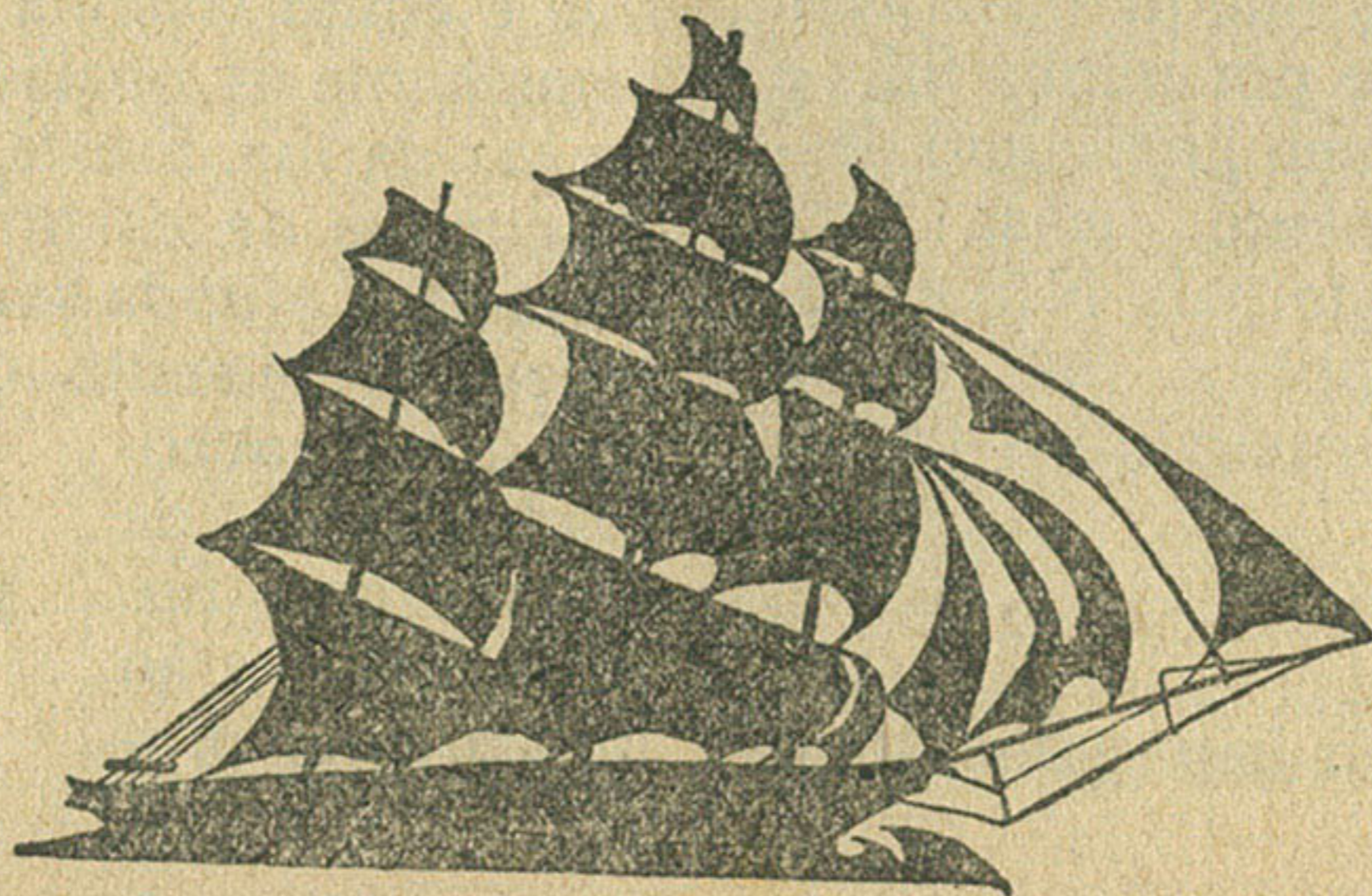
Todos compreendemos, ante a trágica evidência, que estávamos irremediavelmente perdidos.

IX

Depois, não sei. Suponho que tive um desmaio que durou tempo incalculável. Ignoro quem me salvou e como. Ignoro, até, se o ditador sucumbiu; e nada sei sobre o destino de sua filha. (O coração diz-me, porém, que ambos morreram).

E' necessário, contudo, que se saiba que, se hoje público estas memórias, o faço apenas como réplica e desafio aos baixos caluniadores que pretenderam manchar a minha reputação. Não oculto, ainda, que a par dêste essencial desígnio, me anima outro, também muito importante: o de suplicar a qualquer pessoa que deseje ser-me útil, a mercê de me dizer sobre que mar e em que climas se estende ou estendia o país venturoso que eu visitei e perdi no espaço de tão poucas e velozes horas.

Quanto à princesa, não agiteis o fumo de uma recordação nem perturbeis, por piedade, o enlevo de um sonho.





NOVELA RUSSA

Pantelemon Romanof é hoje um dos valores mais representativos da nova literatura russa. Os seus processos, a sua sensibilidade, a sua nova concepção das coisas colocam no naquele mesmo lugar de destaque ocupado, anos atrás, por Dostoiewski e mais tarde por Tolstoi e Gorki, que conseguiram, pela sua originalidade, aquele movimento de interesse que, desde então, se manifestou no ocidente pela literatura eslava.

Carta nunca enviada é só por si suficiente para deixar entrever o valor do seu autor, profundo psicologo que se manifesta nos menores incidentes da vida.

MINHA querida Katty. Escolhi-te para minha confidente e vou escrever-te aquilo que a mais ninguém ousaria escrever. O que eu quero confiar-te relaciona-se com uma face da vida da qual, geralmente, só se fala ao ouvido de uma dilecta amiga.

Não sei se me compreenderás como em tempo me compreendias. Estamos demasiadamente afastadas uma da outra pelas nos-

sas diversas condições de vida, não é verdade?

E, nestes ultimos quatro anos, a alma feminina tem sofrido, aqui na Russia, umas tais transformações, que talvez isto que vou escrever-te te pareça estranho, absurdo e mesmo imoral.

Sabes que estou separada do meu marido. Porque o meu marido de agora não é positivamente meu marido, visto que não somos casados e só há um mês vivemos juntos.

Na Russia há agora, neste ponto, uma completa liberdade e ninguém já se admira destas situações.

Devo dizer-te que não me enganei a respeito deste homem; possui um espirito apaixonado e belo—como belo é também o seu aspecto físico. Tanto pior para mim... Só agora descubro que abismos podem existir numa alma de mulher.

O que eu quero contar-te sucedeu-me esta noite, isto é, precisamente no trigésimo dia da nossa vida em comum. Voltá-

novela para todos
EDICÕES CP



mos ha pouco do teatro. Ele está dormindo e eu escrevo-te no mesmo quarto em que êle dorme. A minha sensação de agora é que eu experimentaria se, tendo iniciado uma traição, nela prosseguisse aproveitando o sôno do homem amado.

Sinto-me imensamente perturbada só ao pensar no que sucederia se êle agora se erguesse, se aproximasse a furto de mim e lêsse, por gracejo, o que escreve a sua amada, a mulher que o ama e com quem, ha apenas um mês, vive maritalmente.

Só há pouco tempo principiámos a sair, depois de uma longa clausura durante a qual viviamos unicamente para o encanto novo da nossa intimidade. Passeamos pelas ruas, frequentamos os teatros e eu encontro nisto uma especial satisfação, principalmente quando alguém conhecido me vê com êle pela primeira vez. E quando, esta noite, êle me disse que preferia ficar em casa, senti-me descontente, quási desiludida, como se recebesse uma ofensa. Involuntariamente, notei nêle uma certa ponderação de homem caseiro e tambem aquela indolencia que certos homens manifestam após o primeiro dia da posse de uma mulher. Isto foi um relampago. Ele condescendeu imediatamente e fômos ao teatro. Mas, para a mulher, o momento mais fatal das suas relações com o homem é aquele em que nêle se revela, ainda que seja apenas por um segundo, uma tranquilidade pesada e egoista, a ausencia de entusiasmo e movimento. O nosso sentimento, que tende a viver, a florir eternamente, numa inesgotavel tensão, chega a interpretar esse instante como um final de festa.

Decerto, não foi êsse o meu caso; o meu amor é forte, o nosso reciproco affecto ainda recente. Só mentalmente compreendi a possibilidade da transição a que me refiro.

Quando despiamos os agasalhos, junto do vestiário, reparei num grupo vizinho; um rapazito ajudava uma senhora —

mulher loira dos seus trinta anos — a tirar a peliça e, ao fazê-lo, demorava-lhe as mãos nos hombros mais do que seria natural. Notei que este facto a comovia, a agitava e lhe causava um secreto prazer. E senti, imediatamente, uma ligeira impaciencia ao vêr que o meu companheiro levava tanto tempo a depositar os nossos agasalhos.

Tu já debes ter observado que é frequente marido e mulher questionarem quando vão ao teatro. Muitas vezes, a mulher, ao chegar ao teatro, onde por toda a parte se ouvem conversações alegres e se vêem rostos animados, acha o marido insipido, vagaroso, vulgar.

Evidentemente, eu estava bem longe deste estado de espirito mas, ainda assim, pareceu-me que êle pensava em coisas sem interesse e se ocupava demasiado dos abafos e da carteira. Aquela impressão desagradavel foi fugitiva — mas contudo existiu por um segundo. E eu, receosa do facto e de mim mesma, sacudi-a do meu cerebro.

Toda a gente conhece, por experiencia própria, a ligeira excitação com que se entra numa platéa; as luzes das lampadas scintilam, por detrás dos parapeitos de veludo dos camarotes, ha homens e mulheres que binoculam toda a gente que surge. E, vendo essa turba animada e elegante, ouvindo os sons confusos da orquestra a afinar os instrumentos, sentimos que os nossos olhos principiam a tornar-se húmidos e brilhantes. E quando, nessa disposição, vêmos os homens sentados diante de nós ou ao nosso lado, sollicitos para as suas mulheres — alguns vindo talvez com elas ali pela primeira vez — experimentamos uma certa impaciencia e chegamos a invejar as outras como se vivessem mais intensamente do que nós.

Eu, nêsse momento e pela primeira vez, não senti prazer algum na proximidade do homem amado. Certamente havia, entre todas aquelas mulheres, mais de uma a quem a vizinhança, o contacto do seu companheiro ocasionaria alvoroço, perturbação... E eu compreendi, de súbito, que na nossa intimi-



dade havia qualquer coisa de definitivo, de legalizado — por êsse mês que tínhamos já vivido juntos, como marido e mulher...

Isto parece absurdo; estar junto do homem amado, não o marido mas o amante, — perdôa o vulgar termo — que se conhece há apenas um mês e sentir, apesar disso, uma acentuada inveja daquelas mulheres desconhecidas por elas possuírem o que não se possui.

Se tu entrares num camarote, não te sentas logo em seguida. Conservas te em pé, involuntariamente, junto do parapeito, a observar o publico. E voltas-te depois para o teu companheiro, indicando-lhe alguém que parece ter chamado a tua atenção. Fazes isto inconscientemente; mas faze-lo — para que os homens que estão sentados junto das suas mulheres possam vêr-te bem e o homem amado não possa adivinhar êsse teu desejo.

Foi o que se passou comigo. Eu desejava, não sei porquê, que um homem muito alto, vestido de preto, que lá estava, se voltasse, olhasse para mim e me visse fitá-lo. E senti, pela primeira vez, que as atenções do homem amado, as suas palavras cariciosas e familiares, me eram insuportáveis. E êle, não notando isso, convertia-se num intruso, dava-me tédio. No entanto, se êle, por um poder mágico, conseguisse penetrar os meus secretos pensamentos e me abandonasse, êsse facto seria horrível para mim. Eu precisava que êle se ausentasse de mim — mas só naquela hora... O seu volver contínuo para o meu lado decerto significava amor, apenas; mas há ocasiões em que o amor do homem que amamos se nos torna fastidioso e incômodo.

Escolhi determinada postura, em que, olhando para êle, pudesse também olhar de soslaio para o outro. E ia respondendo animadamente, excitadamente, ás palavras do meu companheiro, não porque se tivesse modificado a nossa reciproca situação, mas para que o outro ouvisse a minha voz, se voltasse e me visse. E, finalmente, o desconhecido voltou-se para o meu lado; o seu olhar distraído deslisou um instante pelo

meu rosto para passar adiante, mas logo se deteve numa expressão de súbito interesse. Talvez, como eu, êsse homem não desejasse nêsse momento a mulher que estava junto dêle... Preferiria, então, outra não mais formosa mas cujo olhar correspondesse ao seu com qualquer coisa de indefinível e perturbante. E, quando voltou para mim, pela segunda vez, os olhos, fitei-o, sem que o meu companheiro tal notasse.

Desviei depois o olhar, fingindo querer ocultar o meu interesse por êle. E, fazendo isto, reparei como o seu rosto e o seu aspecto haviam mudado. Até aquele instante conservara se direito e calmo na cadeira, junto de sua mulher, sorrindo e trocando com ela frases sem importancia; agora, voltara-se completamente para o lado dela... para poder olhar para mim comodamente. Vi como conversava animadamente, com ternura e solicitude, tendo uma das mãos colocada sobre a dela. E a mulher, feliz por aquela ternura, ria abandonando lhe a mão e aproximando-se mais dêle. E êle, entretanto, olhava constantemente para mim, esperando outro olhar...

Por fim os meus olhos mergulharam nos dêle, demoradamente, fazendo-lhe compreender que eu sentia o que se passava entre mim e êle, homem desconhecido, estranho; sentíamo-nos ligados, numa íntima e oculta união. De repente, desvaneceu-se-lhe do rosto o sorriso; esquecendo a sua companheira, sem pensar que ela poderia suspeitar o que se passava, não desfitou mais os olhos de mim. Senti que as minhas pupilas se dilatavam e enevoavam; o meu coração teve um estremecimento, invadido por uma onda de calor, por uma estranha sensação, como se alguma coisa de imenso houvesse sucedido. O meu estado não lhe escapou. E desde aquele momento houve na sala dois amantes que se sentiam estranhos, incompreendidos junto de quem os acompanhava: eu, ao lado do homem amado;

novela para todos
EDICIONES G.P.



êle, provavelmente, flanco a flanco com a mulher querida...

Nunca na minha vida experimentara tão forte impressão. Aquilo era a maior das traições para com o homem amado. porque eu nunca tinha vivido, antes, momentos de tão intensa loucura e tamanha perturbação. Ser-se amante de um desconhecido, dando-se a gente com a maior plenitude diante de todos e, ao mesmo tempo, a ocultar de todos é uma sensação especialmente violenta, talvez porque ninguém na sala pode imaginar o que se passa entre duas pessoas separadas pelo espaço e pela multidão.

E ele continuava solicitando o meu olhar...

Quando o pano descia, lentamente, o olhar dele parecia suplicar-me que o fitasse mais uma vez, antes que a luz voltasse a inundar a sala. Detenho-me; não sei se deva continuar a escrever-te, apesar de tu seres a minha mais querida amiga. Não sei se deva continuar a falar-te dos episódios da minha vida. Não te escrevo, certamente, apenas para contar-te uma estranha aventura e as sensações inéditas que experimentei. Escrevo-te porque vejo surgir no meu espirito o inevitável e tremendo problema da duração do amor. Parece-me que não posso viver sem resolvê-lo e, contudo, também não posso viver como até aqui, não posso tornar a encarar o homem amado com os meus olhos no dele, abertamente. Não esquecerei nunca o que se passou comigo no trigésimo dia da nossa vida em comum... Vou terminar, porém. Limitar-me-hei a contar-te o facto em si.

No intervalo, quando os corredores se enchiam de gente elegante, mulheres envoltas em peles, que recompunham o penteado ante os espelhos, vi que os olhos do desconhecido me procuravam. Respondia distraidamente á sua companheira e, um pouco afastado, seguia com um olhar fixo, ansioso, a turba compacta que se movia na sua frente.

Por fim, descobriu-me e eu, sem me voltar, olhando apenas de soslaio, verifiquei

que êle estava atrás de mim. Pouco depois voltei-me e os nossos olhares encontraram-se. Como era difícil suportar, assim tão próximo, aquele olhar agudo! Quando a multidão principiava a regressar á sala, encontramos-nos um ao lado do outro. Então, pude ocultar ao homem amado e a toda a gente o que senti e surpreendi no meu contacto com o outro, mas a este não o pude esconder, não!

Rapidamente, êle fez o que eu tanto desejava e tanto temia, ao mesmo tempo: com mão suave, mas firme, tomou-me o braço acima do cotovêlo e atraiu-me a si, estreitando-me... Tudo se confundia á minha vista. Não me afastei. Houve um momento em que poderia passar adiante, distanciar-me, mas fiquei no mesmo sitio, para sentir durante mais um segundo aquele agudo e inexperimentado prazer. Estávamos ambos em meio da turba, estranhos, e no entanto fundidos numa só alma. Ele foi discreto, cauteloso. Compreendi. A sua vitória não era fácil e banal, como tantas outras; constituia o misterio incompreensível de dois seres, o misterio que se dissipará, talvez, quando o pano descer pela vez derradeira, quando as luzes se apagarem, quando os trenós, partindo das portas do teatro, deslisarem pela neve endurecida, fugindo, perdendo-se para sempre na escuridão nebulosa das ruas, levando-nos, a mim para um lado, a êle para outro...

Anotação á carta

Reli a carta e compreendi que não podia enviá-la ao seu destino. Ninguém—nem mesmo a pessoa que nos seja mais querida—pode compreender certos estados do nosso espirito, principalmente tratando-se de um lado da vida tantas vezes conspurcada por mãos impuras. Mas os homens hão de compreender, um dia, o que há de grande e extraordinario em tudo quanto liberta de si mesmo o nosso sêr, proporcionando-nos uma indizível alegria de viver, o florescimento da nossa alma inquieta.